



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 272 - Janeiro 2026



*Fé e razão,
um casto conúbio*

*Flashes
de Fátima*





Acesse já
e inscreva-se!

CURSO ON-LINE CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA

INÍCIO DAS INSCRIÇÕES
2 DE FEVEREIRO

INÍCIO DAS AULAS
24 DE FEVEREIRO

SOLENE CONSAGRAÇÃO
28 DE MARÇO

Por meio de um curso *on-line* totalmente gratuito, você poderá experimentar os encantos de ter por amiga a Mãe de Deus!

Os Arautos do Evangelho lhe oferecem a oportunidade de conhecer o **método de consagração de São Luís Grignon de Montfort**, pelo qual nos tornamos **escravos de amor a Jesus Cristo pelas mãos de Maria**. Não existe meio mais seguro de se chegar ao coração do Filho do que guiados pelas mãos da Mãe!

Ministrado com muita didática pelo Pe. Ricardo José Basso, EP, o curso consta de 27 aulas, ao término das quais se realizará a solene cerimônia de consagração. Cada aula aborda certo número de tópicos do *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, com um conteúdo que nos ajuda a aprofundar no conhecimento e no amor a Nossa Senhora.

Participe conosco! **Já são mais de dois milhões de pessoas**, dos mais diferentes lugares, unidas no mesmo propósito de conhecer Maria Santíssima e se consagrar a Ela como escravos de amor.



Flashes de Fátima

Revista da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVIII nº 272 - Janeiro 2026

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. João XXI, 11 - 1º Esq.
1000-298 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97
ISSN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

SUMÁRIO

➤ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➤ EDITORIAL	
Fé, razão e mentalidade	5
➤ A VOZ DOS PAPAS	
"Fizeste-nos para Ti, Senhor"	6
➤ A LITURGIA DOMINICAL	
Mãe do Príncipe da paz e Mãe nossa	8
Quando Deus nos chama	9
A importância do Batismo	10
A revelação dos principais mistérios de nossa Fé	11
A irrupção da Luz na História	12
➤ EXEMPLOS QUE ARRASTAM	
Junto a Maria, tudo tem solução	13
➤ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Estudo da doutrina católica: opção ou dever?	14
➤ TEMA DO MÊS – FÉ E RAZÃO	
Multiplicidade, hierarquia e harmonia do universo	18
A razão na clausura	22
➤ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Raciocinar com base nos princípios da Fé	26
➤ O QUE DIZ O CATECISMO?	
O fogo santo da fé de Maria	29
➤ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
Olhando para os céus, em busca de Deus	30
➤ VOCÊ SABIA... ..	33
➤ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
A conversão de Francis Collins – E a ciência se inclinou ante a Fé	34
➤ SÃO TOMÁS ENSINA	
Uma insensatez na qual nem os demônios acreditam	37
➤ VIDA DOS SANTOS	
Beato Henrique Suso – Um amigo da Cruz	38
➤ DONA LUCILIA – LUZES DE UMA MATERNAL INTERCESSÃO	
Mãe e protetora sempre solícita	42
➤ ARAUTOS NO MUNDO	46
➤ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Conceição imaculada "versus" Imaculada Conceição	50



Francisco Lecaros

14 O estudo da doutrina é uma obrigação moral



Leandro Souza

22 Das castas núpcias entre fé e razão procede a sabedoria



Reprodução

26 Como um menino descobriu o que muitos ignoram



Bundesarchiv (CC by-sa 3.0) / Reprodução

50 Duas mentalidade, dois programas de vida

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Alguns dizem que Deus castiga, outros que Deus perdoo, porque é misericordioso. Como é possível entender que o mesmo Deus com uns seja justo e com outros clemente? Será porque as pessoas estão predestinadas?

Lucas Ferreira – Rio de Janeiro

Durante muitos séculos a Teologia procurou explicar essa aparente “tensão” existente entre o rigor e a misericórdia em Deus. Por um lado vemos Deus, ofendido pelo pecado, infligir logo ao fautor a pena devida. Em outras ocasiões, pelo contrário, contemplamos no mesmo Deus um pasmoso escachoar de bondade. Basta ler as Escrituras para constatar essa realidade.

Para alguns a justiça divina se manifesta sobretudo no Antigo Testamento, enquanto o Novo representa uma radical virada de página na linha da misericórdia, como atestam certos exemplos assombrosos, tais como o perdão concedido à mulher adúltera (cf. Jo 8, 3-11), o diálogo de Jesus com a samaritana (cf. Jo 4, 7-26) e, finalmente, a súplica de perdão no Gólgota em favor daqueles mesmos que crucificavam o Senhor (cf. Lc 23, 34).

Essa concepção a respeito da oposição entre o rigor punitivo e a misericórdia chegou ao despropósito do filósofo gnóstico Marcião, segundo o qual havia uma descontinuidade completa entre o Antigo e Novo Testamento, a ponto de considerar que num e noutro revelavam-se deuses diversos.

A partir da reflexão cristã da Fé, e de modo especial no livro *Cur Deus Homo?* – Por que Deus Se fez homem? –, de autoria de Santo Anselmo, procurou-se dar uma explicação conciliatória, por assim dizer, ao que pitorescamente se chamou o “conflito das filhas de Deus”, que viria a ser essa aparente tensão ou mesmo contradição entre as exigências da justiça e as da misericórdia no próprio seio da Trindade. A solução encontrada por Deus para aplacar a justiça e, ao mesmo tempo, derramar sua misericórdia teria sido a Paixão de Cristo. Na Cruz a justiça era aplacada na Sagrada Vítima e, por meio dessa mesma Vítima, as torrentes do amor e do perdão se derramavam sobre os pecadores.

Contudo, será São Tomás quem explicará cabalmente a questão (cf. *Suma Teológica*. I, q.21), procurando raciocinar mais a partir do próprio Deus, no qual todas as perfeições

se encontram bem unificadas na maravilhosa simplicidade de sua essência.

Para entender a proposta do Doutor Angélico, cabe lembrar alguns princípios essenciais da Filosofia escolástica, a começar pelo de que Deus não ama como os homens. Estes amam o que é amável, que atrai. Ninguém ama à primeira vista quinhentas gramas de farinha, mas ama, isto sim, um bolo saboroso... Portanto, para obter o afeto do homem, cumpre que algo seja bom, desejável. Deus, ao contrário, ao amar suas criaturas as torna amáveis. Ninguém é bom se o amor divino assim não o faz (cf. *Suma Teológica*. I, q.20, a.2). Como facilmente se percebe, trata-se de uma mudança de ótica muito importante.

Portanto, para São Tomás a misericórdia consiste na capacidade de corrigir qualquer deficiência e, nesse sentido, a criação e a Redenção são manifestações radicais da misericórdia de Deus. De outra parte, para ele a Paixão – embora sob certo aspecto tenha-se dado para aplacar a justiça – constitui sobretudo uma grandíssima obra de misericórdia, pois por ela o Senhor nos revela o extremo de seu amor.

O que viria a ser, então, a justiça em Deus?

Esta se manifesta sobretudo em dois aspectos. Primeiro, na medida exata com que Ele distribui as graças. Não faz todos os seres humanos excelentes no máximo grau, mas cria uma desigualdade entre eles, que depende do amor com que galardoa a cada um: a alguns mais, a outros menos, mas a todos com abundante generosidade, conforme o Aquinate.

Em segundo lugar, na punição do mal. Leve-se em conta que os castigos infligidos nesta terra têm uma carga de misericórdia maior que de justiça pois, embora sejam penosos, abrem os corações à conversão, os purificam e os elevam à consideração das realidades espirituais. São Tomás explica que, quando se trata da punição eterna, Deus condena o pecador após este ter rejeitado todos os recursos da misericórdia. E, mesmo no caso de condenação ao inferno, Ele, em sua bondade, atenua as penas devidas. ✚



FÉ, RAZÃO E MENTALIDADE

A harmonia entre fé e razão é um dos elementos fulcrais da Teologia católica. Já no século II, São Justino apregoava que o Cristianismo era “a única Filosofia segura e proveitosa” (*Dialogus cum Tryphone judæo*, c.VIII, n.1), e Clemente de Alexandria denominou o Evangelho de “a verdadeira Filosofia” (*Stromata*. L.I, c.18, 90, 1).

São Tomás de Aquino elaborou a melhor síntese acerca dessa inter-relação. Sem a fé, poucos alcançariam o conhecimento de Deus, porque a pura via racional é árdua e dificultosa, raramente imune a dúvidas e até falsidades. Entrementes, a razão resulta indispensável para demonstrar os preâmbulos da fé, esclarecer suas verdades e refutar seus opositores.

Lutero abriu uma cisão não só na Igreja, mas também no próprio conúbio entre fé e razão. Profundamente antitomista, para ele a razão é uma “prostituta do diabo” e a fé uma mera confiança subjetiva. Bastaria crer – *sola fides* – para se salvar. A Revolução Protestante, ao excluir da fé o elemento razão, destituiu aquela da sua própria essência. Com efeito, a fé é um hábito da mente, de modo que todo autêntico ato de crer consiste também em ato intelectivo.

Sob a empáfia iluminista, a Revolução Francesa perseguiu a Igreja e o clero a fim de subverter a religiosidade num falso culto à “deusa razão”. Em honra desta deidade, representada por uma meretriz, foram realizados festins blasfemos em diversas catedrais convertidas em acintosos “templos da razão”.

A Revolução Comunista arvorou-se em onipotente, ao mesmo tempo que inseriu a religião e os homens de fé na dialética de opressora-oprimidos. No fundo, na visão marxista a fé, a razão e o Estado se identificariam, pois o povo precisaria crer incondicionalmente no Estado-Leviatã que daria as balizas da “razão” a todas as coisas.

O século XX engendrou várias revoluções, como a estudantil de maio de 1968, a tribalista e as culturais de diversas naturezas, todas elas com um denominador comum: deitaram especial empenho em influenciar as tendências sensitivas humanas, promovendo assim uma fé cega na irracionalidade, por vezes sob a carapaça da defesa da “ciência” e do “esclarecimento”.

Uma solução genuinamente católica suporia o restabelecimento da autêntica harmonia entre fé e razão. Sem embargo, faz-se necessário ir mais além. A fé é morta se não está revestida da caridade (cf. Tg 2, 17), e toda sabedoria que não vem do Alto “é terrena, animal e demoníaca” (Tg 3, 15). Por isso, torna-se indispensável também moldar a mentalidade segundo as coisas do Céu (cf. Col 3, 1), onde repousa a verdadeira sabedoria. Nas palavras do Papa Leão XIV, “somente numa vida em conformidade com o Evangelho se realiza a adesão à verdade divina que professamos, tornando credível o nosso testemunho e a missão da Igreja” (*Discurso*, 26/11/2025).

A fé é tão somente uma prelibação da visão beatífica, na qual a razão silogística dará lugar à intuição pura da Santíssima Trindade. Na pátria contemplaremos a Deus “tal como Ele é” (I Jo 3, 2), pela luz da glória – *lumen gloriæ* – infundida em nosso espírito ou, como afirmam os teólogos, por um empréstimo feito a nós da própria inteligência divina. Não mais haverá fé, só a intelecção fruto de uma completa *metanoia*, ou seja, de uma radical mudança de mentalidade. Esta não será produzida por revoluções que distorcem a racionalidade humana, mas infundida pelo Espírito Santo. ✠



**Leão XIV
em visita ao
Mosteiro clarissa
da Imaculada
Conceição em
Albano (Itália), no
dia 15/7/2025**

Foto: Vatican Pool /
Getty Images



“Fizeste-nos para Ti, Senhor”

Deus permanece um mistério. Mas um mistério positivo, que, das nossas incipientes noções, nos conduz a sucessivas e intermináveis investigações e descobertas. O nosso conhecimento de Deus é uma janela iluminada por um céu infinito.

PRISIONEIRO DO IMEDIATO, DO RELATIVO E DO ÚTIL

Uma das ilusões produzidas ao longo da História foi pensar que o progresso técnico-científico, de forma absoluta, teria podido dar respostas e soluções a todos os problemas da humanidade. E vemos que não é assim. [...] Mesmo na era do progresso científico e tecnológico – que nos ofereceu tanto! – o homem permanece um ser que deseja mais, mais que a comodidade e o bem-estar, permanece um ser aberto à verdade inteira da sua existência, que não pode deter-se diante das coisas materiais, mas abre-se a um horizonte muito mais vasto. [...]

O risco é sempre o de permanecer prisioneiro no mundo das coisas, do imediato, do relativo, do útil, perdendo a sensibilidade por aquilo que se refere à nossa dimensão espiritual. Não se trata de modo algum de desprezar o uso da razão, ou de rejeitar o progresso científico; pelo contrário, trata-se antes de compreender que cada um de nós não é feito apenas de uma dimensão “horizontal”, mas inclui também a “vertical”.

BENTO XVI.
Discurso, 19/6/2011

NOSTALGIA DA VERDADE ABSOLUTA

Nenhuma sombra de erro e de pecado pode eliminar totalmente do homem

a luz de Deus Criador. Nas profundezas do seu coração, permanece sempre a nostalgia da Verdade Absoluta e a sede de chegar à plenitude do seu conhecimento. Prova-o, de modo eloquente, a incansável pesquisa do homem em todas as áreas e setores. Demonstra-o ainda mais a sua busca do sentido da vida.

SÃO JOÃO PAULO II.
Veritatis splendor, 6/8/1993

UMA JANELA ABERTA PARA O INFINITO

O homem não pode viver sem esta busca da verdade sobre si mesmo – o que sou eu, pelo que devo viver? –, verdade que leve a abrir o horizonte e a ir além daquilo que é material, não para fugir da realidade, mas para a viver de modo ainda mais verdadeiro, mais rico de sentido e de esperança, e não só na superficialidade. [...]

Convido-vos a tomar consciência desta inquietação sadia e positiva, a não ter medo de formular as perguntas fundamentais sobre o sentido e o valor da vida. Não vos limiteis às respostas parciais, imediatas, certamente mais fáceis no momento e mais cómodas, que podem proporcionar algum momento de felicidade, de exaltação e de inebriamento, mas que não vos trazem a verdadeira alegria de viver, aquela que nasce de quantos constroem – como diz Jesus – não na areia, mas na

rocha sólida. Então, aprendei a meditar, a ler de modo não superficial, mas em profundidade a vossa experiência humana: descobrireis, com admiração e alegria, que o vosso coração é uma janela aberta para o infinito!

BENTO XVI.
Discurso, 19/6/2011

SÓ DEUS PODE SATISFAZER O CORAÇÃO HUMANO

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. Desde o começo da sua existência o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado [...].

A Igreja sabe perfeitamente que, ao defender a dignidade da vocação do homem, restituindo a esperança àqueles que já deseperam do seu destino sublime, a sua mensagem está de acordo com os desejos mais profundos do coração humano. Longe de diminuir o homem, a sua mensagem contribui para o seu bem, difundindo luz, vida e liberdade; e, fora dela, nada pode satisfazer o coração humano: “Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto, enquanto não repousa em Ti”.

SÃO PAULO VI. *Gaudium et spes.*
Concílio Vaticano II, 7/12/1965



Aurora na enseada do Mar Virado,
Ubatuba (SP)

SEM ELE NADA TEM SENTIDO, NADA TEM VALOR

Para nós, o Senhor é tudo, sendo-o de várias maneiras: como Criador e fonte da existência, como amor que chama e interpela, como força que impulsiona e anima à doação. Sem Ele nada existe, nada tem sentido, nada tem valor [...].

A tal propósito, Santo Agostinho descreve com imagens belíssimas a presença de Deus na sua existência. Ele fala de uma luz que vai além do espaço, de uma voz que não é arrebatada pelo tempo, de um sabor que a sofreguidão não estraga, de uma fome que a saciedade nunca apaga, e conclui: “Eis o que amo, quando amo o meu Deus”. São palavras de um místico, mas muito próximas também da nossa experiência, manifestando a necessidade de infinito que habita no coração de cada homem e mulher deste mundo.

LEÃO XIV.
Homilia, 9/10/2025

DEUS DESEJA DAR-SE A CONHECER

A necessidade de um alicerce sobre o qual construir a existência pessoal e social faz-se sentir de maneira premente, principalmente quando se é obrigado a constatar o caráter fragmentário de propostas que elevam o efêmero ao nível de valor, iludindo

assim a possibilidade de se alcançar o verdadeiro sentido da existência. [...]

Enquanto fonte de amor, Deus deseja dar-Se a conhecer, e o conhecimento que o homem adquire d’Ele leva à plenitude qualquer outro conhecimento verdadeiro que a sua mente seja capaz de alcançar sobre o sentido da própria existência.

SÃO JOÃO PAULO II.
Fides et ratio, 14/9/1998

CONHECIMENTO QUE DÁ SENTIDO A TUDO

É importante, no nosso tempo, que não esqueçamos Deus, juntamente com todos os outros conhecimentos que entretanto adquirimos, e são tantos! Eles tornam-se todos problemáticos, por vezes perigosos, se falta o conhecimento fundamental que dá sentido e orientação a tudo: o conhecimento de Deus Criador. [...]

Para nós, cristãos, Deus já não é, como na filosofia precedente ao Cristianismo, uma hipótese mas uma realidade, porque Deus “abaixou os Céus e desceu”. O Céu é Ele mesmo, e desceu entre nós.

BENTO XVI.
Audiência geral, 11/1/2006

O SENHOR ESTÁ PERTO!

Deus permanece um mistério. Mas um mistério positivo, que, das nossas

*Deus deseja dar-Se a
conhecer. Devemos
procurá-Lo no livro
da criação, na Palavra
de Deus, na Igreja,
no íntimo da própria
consciência. . .*

incipientes noções, nos conduz, cada vez mais, a sucessivas e intermináveis investigações e descobertas. O nosso conhecimento de Deus é uma janela iluminada pelo céu, um céu infinito. [...]

Devemos superar a tentação, tão forte nos nossos dias, de considerar impossível um conhecimento de Deus, adequado à nossa maturidade cultural, e correspondente às nossas necessidades existenciais e aos nossos deveres espirituais. Seria indolência, vileza e cegueira. Devemos, sim, procurar. Procurar no livro da criação; procurar no estudo da Palavra de Deus; na escola da Igreja, Mãe e Mestra; no íntimo da própria consciência... Procurar Deus, procurá-Lo sempre. Ficai sabendo: Ele está perto.

SÃO PAULO VI.
Audiência geral, 22/7/1970



Mãe do Príncipe da paz e Mãe nossa



✠ Pe. Fernando Néstor Gioia Otero, EP

“**E**u vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós um Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2, 10-11). Com essas palavras o Anjo do Senhor comunicou aos pastores o cumprimento da grande promessa feita a Israel, a ele se juntando um magnífico coro do exército celestial para glorificar o Altíssimo pelo nascimento do Redentor: “Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na terra aos homens por Ele amados” (Lc 2, 14).

Tendo os Anjos partido para o Céu, disseram entre si os pastores: “Vamos até Belém e vejamos o que se realizou e o que o Senhor nos manifestou” (Lc 2, 15). Lá encontraram Maria e José, e o Menino deitado na manjedoura. Não poderia haver pousada mais pobre do que uma gruta, nem berço mais rude do que uma manjedoura!

São Lucas nos relata apenas que eles “contaram o que lhes fora dito sobre o Menino. E todos os que ouviram os pastores ficaram maravilhados” (Lc 2, 17-18). Mas não deixa de ressaltar: “Maria guardava todos estes fatos e meditava sobre eles em seu Coração” (Lc 2, 19).

Naquela humilde gruta se inaugurava um novo relacionamento dos homens entre si e com o Criador, que Dr. Plínio Corrêa de Oliveira assim sintetizou: “Nunca um coração materno amou mais ternamente seu Filho. Reciprocamente, jamais Deus amou tanto uma mera criatura. E nunca um Filho amou tão plena, inteira e superabundantemente sua Mãe”¹.

Chegara a plenitude dos tempos – como afirma São Paulo aos Gálatas –, em que “Deus enviou seu Filho, nascido de Mulher, nascido sujeito à Lei” (Gl 4, 4), associando Maria Santíssima ao seu plano salvífico como Mãe do Redentor.

Neste primeiro dia do ano, celebramos a eleita sobre a qual Deus pousou seu olhar benevolente: a Mãe de Deus, Mãe da Igreja, Mãe de todos os homens.

Numa época em que o neopaganismo invade a face da terra e guerras devastadoras, que podem atingir uma magnitude imprevisível, ameaçam-nos a todo momento, buscamos a paz. Mas esta só será autêntica e duradoura se for edificada sobre a rocha firme da Verdade, dos ensinamentos do Evangelho e do cumprimento dos Dez Mandamentos.

Como afirma Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, “a paz está em os homens, os povos e as nações colocarem a Deus no centro. [...] Só se obterá a paz desde que Maria esteja no centro, pois no centro da vida e das cogitações d’Ela está Jesus!”²

Volvamos nossos olhos para Maria, Mãe do Príncipe da paz e nossa Mãe; que Ela interceda por nós, pedindo que os homens de hoje se deixem iluminar pela verdade que os libertará (cf. Jo 8, 32). ✠



Virgem com o Menino - Museu Cristão, Esztergom (Hungria)

*As nações só
obterão paz
duradoura
desde que
Maria esteja
no centro da
sociedade,
pois n’Ela
está Jesus*

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. “Filho, eis aí tua Mãe”. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XVIII. N.213 (dez., 2015), p.5.

² CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homilia*. Mairiporã, 1º/1/2008.

Quando Deus nos chama



Pe. Rodrigo Fugiyama Nunes, EP

Quem se aproxima da cidade de Colônia, na Alemanha, logo divisa as torres de sua catedral, as quais parecem desafiar os ventos e as tempestades que há séculos se abatem sobre elas. Contemplando-as, quase teríamos vontade de lhes perguntar: “Quem vos fez assim tão robustas e esguias? Que fatos memoráveis presenciastes? Que Santos e que pecadores albergastes entre vossas sagradas paredes?” Se lhes fosse dado falar, talvez elas nos responderiam: “Temos, de fato, muito para vos contar, mas isso nada seria se comparado ao que Melchior, Gaspar e Baltasar, que no interior da catedral repousam, podem vos contar. Nós quase tocamos no céu; mas eles realmente tocaram o próprio Rei dos Céus! A eles, sim, é que deveis pedir: ‘Contai-nos vossa história!’”

Quiçá os Reis Magos atendessem à nossa súplica com apenas uma frase: “Responder ao chamado de Deus é sempre uma aventura, mas vale a pena correr o risco!” Com efeito, esse expressivo enunciado, atribuído a Santa Teresa Benedita da Cruz, bem poderia resumir suas vidas. Analisemos os três elementos que o compõem.

Primeiro: Deus chama. No caso dos Reis do Oriente, tal chamado não se deu mediante a aparição de um Anjo nem de uma locução divina, mas de forma discreta e suave: uma estrela apareceu no céu. Mas para eles estava tudo dito. O Senhor queria que seguissem esse misterioso astro, pois os levaria até o local onde outro Rei havia nascido. Quão pronta e fiel foi a resposta dos Magos ao convite divino! São eles um perfeito modelo de docilidade à graça, pois nos mostram o quanto devemos estar atentos aos sinais do Alto, sendo flexíveis aos planos do Pai Celeste, mesmo sem os conhecermos inteiramente.

Segundo: há riscos. Sabiam eles dos perigos da viagem? Com toda a certeza. Mas nenhum obstáculo é intransponível para quem se fez escravo da graça. Nem as agruras do deserto, nem a longa travessia em caravana por locais perigosos, nem sequer a perfídia de Herodes ou a hipocrisia dos fariseus e dos escribas conseguiram desviá-los do caminho que conduziria ao verdadeiro Rei.

Terceiro: vale a pena. Quando chegaram diante do Menino Jesus, de sua Mãe Santíssima e de São José, com toda a propriedade eles puderam exclamar: “Valeu a pena!” O que são os perigos, as provações e os sofrimentos se comparados à recompensa de contemplar o próprio Deus?

Nesta Solenidade da Epifania, os Reis Magos nos recordam que em certos momentos de nossas vidas Deus também nos chama. Esse chamado pode exigir de nós determinadas renúncias e, ao mesmo tempo, a disposição de nos lançarmos numa santa aventura. Haverá riscos, haverá perplexidades, haverá sofrimentos. Entretanto, quando o demônio nos quiser fazer desistir de nossa “perigosa viagem”, lembremo-nos de que vale a pena! Ao chegarmos ao Céu, o Menino Jesus nos receberá de braços abertos, como outrora acolheu os Reis do Oriente. ✨

*Docilidade,
renúncia
e entrega:
eis o grande
exemplo que
os Santos
Reis Magos
deixaram
quando
decidiram
seguir a
estrela*

“A viagem dos Reis Magos”, por
Stefano di Giovanni - Metropolitan
Museum of Art, Nova York



A importância do Batismo



✠ Pe. José Mauricio Galarza Silva, EP

*“Que meu
filho receba
o Batismo
quando ele
queira!”
Não é raro
encontrar
essa opinião
entre famílias
de raízes
“católicas”...*

Recordamos neste domingo o magnífico exemplo que Nosso Senhor Jesus Cristo nos deu ao ser batizado por São João Batista no Rio Jordão, acontecimento que atraiu do Céu torrentes de graças para a salvação de incontáveis almas.

Assim como o Pai proclamou “Este é o meu Filho amado, no qual Eu pus o meu agrado” (Mt 3, 17), de modo análogo podemos pensar que a mesma voz se faz ouvir em cada Batismo.

Ensina-nos o *Catecismo da Igreja Católica*: “Este Sacramento é também chamado ‘banho da regeneração e da renovação no Espírito Santo’ (Tt 3, 5), pois ele significa e realiza este nascimento a partir da água e do Espírito, sem o qual ‘ninguém pode entrar no Reino de Deus’ (Jo 3, 5)”¹.

Sendo indispensável o Sacramento do Batismo para a nossa salvação, esta gravíssima afirmação

do Santo Evangelho nos indica quão nefasta é a ideia que circula em alguns ambientes católicos: “Que o meu filho receba o Batismo quando ele queira!”

De onde surgiu esse desatino?

Poderíamos dizer que do mundo, através da mídia e das redes sociais, as quais, com suas máximas e maus costumes, vão minando nossa fé.

A isso se soma a influência nefasta de intelectuais e docentes que propagam em muitos estabelecimentos educacionais princípios agnósticos e materialistas que, quando não atacam diretamente a Igreja Católica, menosprezam os seus ensinamentos.

Vale a pena acentuar o que o *Catecismo* nos ensina sobre esse “banho da regeneração”:

“O Senhor mesmo afirma que o Batismo é necessário para a salvação. Também ordenou a seus discípulos que anunciassem o Evangelho e batizassem todas as nações. O Batismo é necessário, para a salvação, para aqueles aos quais o Evangelho foi anunciado e que tiveram a possibilidade de pedir este Sacramento. A Igreja não conhece outro meio senão o Batismo para garantir a entrada na bem-aventurança eterna; é por isso que cuida de não negligenciar a missão que recebeu do Senhor, de fazer ‘renascer da água e do Espírito’ todos aqueles que podem ser batizados”².

Peçamos à Santíssima Virgem que os pais de família católicos, e todos aqueles que têm a grave responsabilidade de promover esse Sacramento, o façam por amor a Deus e com muito zelo pela salvação das almas, deixando de lado a “comodidade” espiritual, as ideias heterodoxas e os interesses mundanos. ✠



João Paulo Rodrigues

Batismo na Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, Piraquara (PR)

¹ CCE 1215.

² CCE 1257.

A revelação dos principais mistérios de nossa Fé

✚ Pe. Ricardo Alberto del Campo Besa, EP



Narra o Discípulo Amado que, ao ver Jesus aproximar-Se, São João Batista disse a seus discípulos, cheio de júbilo interior: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1, 29). E em seguida ele declarou: “Depois de mim vem um homem que passou à minha frente, porque existia antes de mim” (Jo 1, 30).

Vemos nessas palavras do Precursor uma manifestação da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo pois, por um lado, Ele vem perdoar os pecados – e para o povo hebreu de então estava claro que só Deus o pode fazer – e, por outro, existe desde toda a eternidade, noção de difícil compreensão para nossa mentalidade cronológica.

Essas considerações nos ajudam a adestrar e a crescer em nossa fé.

No trecho seguinte, o Batista nos revela o mistério da Santíssima Trindade – pelo qual afirmamos que existe um só Deus em Três Pessoas – e o da Encarnação, os dois maiores mistérios de nossa santa religião. Não os compreendemos pela simples razão, sem o auxílio sobrenatural da fé, por meio da qual cremos nessas sublimes verdades. Se elas não tivessem sido reveladas, jamais conseguiríamos conhecê-las.

Eis as palavras com que o Evangelho de São João apresenta essa revelação: “Aquele que me enviou a batizar com água [o Pai] me disse: ‘Aquele sobre quem vires o Espírito [o Espírito Santo] descer e permanecer, este é quem batiza no Espírito Santo’. Eu vi e dou testemunho: Este é o Filho de Deus [o Filho]” (1, 33-34).

Quanta maravilha o Precursor presenciou e compreendeu! Mas esse mistério – se formos fiéis a Deus, correspondermos à graça e nos salvamos –, nós também poderemos contemplá-Lo por toda a eternidade.

Há entre as Três Pessoas da Santíssima Trindade uma relação que constitui a própria vida eterna de Deus, tão extraordinária, elevada e rica que dela não conseguimos fazer uma ideia: “Os olhos não

viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou” (I Cor 2, 9). Contudo, pela graça podemos participar dessa vida divina já durante nossa existência terrena, perseverando no caminho da Fé e na prática da virtude, até que ela desabroche em plenitude, por todo o sempre, no Céu.

A leitura do Evangelho do 2º Domingo do Tempo Comum nos ajuda a recordar esses eminentísimos mistérios e a eles elevar nossas almas.

Esforcemo-nos, durante nossa peregrinação terrena, em zelar por nossa fé, viver em coerência com ela, alimentá-la devidamente com a oração e os Sacramentos, para sermos merecedores da eterna bem-aventurança, onde veremos face a face o Deus uno e trino. ✚

*Zelemos por
nossa fé, para
merecer a
eterna bem-
-aventurança
e contemplar
face a face
o Deus uno
e trino*



Francisco Lecaros

Santíssima Trindade - Museu de Arte Hyacinthe Rigaud, Perpignan (França)

A irrupção da Luz na História

✠ Pe. Carlos Javier Werner Benjumea, EP



*Assim como,
em sua vida
pública,
Nosso Senhor
irrompeu
como luz
salvífica em
meio às trevas
da apostasia,
devemos
confiar
em sua
intervenção
nos escuros
dias que
vivemos*

A pesar de toda aparência contrária, a trama da História é tecida pelas mãos sapientíssimas e bondosas do Pai. Considerada em seu conjunto, ela nos manifesta de maneira esplêndida a grandeza do poder divino, que leva a termo seus sublimes desígnios sem jamais desrespeitar a liberdade do homem, o qual tantas vezes a eles se opõe com o pecado.

O exemplo prototípico dessa misteriosa e fascinante realidade, o temos na Encarnação do Verbo para resgatar o gênero humano. Santo Agostinho em seu hino *Exultet*, que toda a Igreja canta no Sábado Santo, afirma com admirável audácia, referindo-se à falta de Adão: “Ó culpa tão feliz que mereceu a graça de um tão grande Redentor!” Ante o desafio que a rebeldia humana supõe para a realização dos projetos divinos, a sabedoria d’Aquele que é Luz infinita e indefectível triunfa sempre com novos e maiores prodígios.

É isso o que vemos realizar-se na Galileia dos gentios. O trecho do profeta Isaías recolhido na primeira leitura deste domingo (cf. Is 8, 23–9, 3) mostra o contraste entre as trevas e a luz. Como justo Juiz, Deus havia humilhado a terra de Neftali e Zabulon; faltava-lhes a luz da fé, tudo era sombra e tristeza. Todavia, Ele resolveu cobrir de glória o caminho do mar: as trevas são expulsas pela Luz maravilhosa, que traz vida e alegria perfeitas.

Esse anúncio cumpre-se plenamente com a missão pública de Jesus junto às margens do Mar da Galileia, como no-lo faz notar o Evangelho de São Mateus (cf. Mt 4, 12-23). Ele era a Luz que com sua palavra iluminava os homens daquela região, dizendo-lhes: “Convertei-vos, porque o Reino dos Céus está pró-

ximo” (4, 17). E, para selar com autoridade sobrenatural a autenticidade de seu apelo, Nosso Senhor multiplicava os prodígios em favor dos enfermos, dos possuídos pelo demônio e dos mais necessitados.

Bendita Galileia, primeiro castigada, depois perdoada e exaltada! Passou das trevas à luz – e que luz! – pelo magnífico poder do Onipotente.

Resta, porém, nos perguntarmos: o que fez a Galileia dessa Luz de infinita beleza? Do entusiasmo inicial, caiu no descaso, terminando no desprezo e no ódio. O resultado? Uma maldição ainda mais terrível: “E tu, Cafarnaum, serás elevada até o Céu? Não! Serás atirada até o inferno!” (Mt 11, 23). Qual é o motivo de tão terrível punição? O fato de não terem se convertido.

Se olhamos para a situação do mundo na atualidade, comprovamos, consternados, o processo de apostasia que vai sepultando as últimas brasas de fé no Ocidente outrora cristão. Virão castigos? Com tristeza e apreensão devemos reconhecer que existem altas probabilidades.

Contudo, a potente e misericordiosa mão de Deus, que arrojara os corações endurecidos na região das trevas, enviará ao mundo pu-

rificado os esplendores da Luz admirável, fazendo renascer com novo vigor a santa alegria no resto que tenha permanecido fiel. E, desta vez, o fará de forma patente através de Maria Santíssima, Aquela que, nas palavras do Papa Bento XV, “com Cristo redimiu o gênero humano”.¹ ✠



Detalhe de “O Juízo Final”, por Stephan Lochner - Museu Wallraf-Richartz, Colônia (Alemanha)

¹ BENTO XV. *Inter sodalicia*: AAS 10 (1918), 182.

JUNTO A MARIA, TUDO TEM SOLUÇÃO

Judas Iscariotes acabava de consumir seu plano nefando. Nem mesmo as admoestações misericordiosas de Jesus o puderam dissuadir da infâmia deicida e, ao som sinistro do tilintar de suas trinta moedas, ele andava errante pelas sombras da noite. Por pouco tempo esse dinheiro imundo lhe proporcionaria certa satisfação...

Mas Judas não era o único traidor que vagueava pela escuridão.

Encontrava-Se Nosso Senhor a caminho da casa de Caifás para o processo iníquo que O levaria à morte, quando divisou entre a multidão um de seus discípulos, o primeiro deles: Simão Pedro. Por um instante, os olhares se cruzaram. Naquele momento, Pedro sentiu-se réu da maior atrocidade que poderia haver cometido: tendo abandonado o Mestre quando este mais precisava de auxílio, acabava de negá-Lo publicamente, por três vezes, diante de uma criada.

Judas renegou por ganância; Pedro, por covardia. “Infel, dissimulado, traidor infame!”, apostrofava o inimigo infernal nas consciências de um e de outro. Queria, pois, conduzi-los a um crime ainda maior.

Um crime maior... que trair o Homem-Deus? Sim.

Numa aparição à religiosa espanhola Josefá Menéndez, no início do século XX, o Sagrado Coração de Jesus queixou-Se justamente deste gravíssimo pecado, o desespero, que acompanha necessariamente o desprezo do perdão divino: “Depois de Me ter traído no Horto

das Oliveiras, Judas andou errante e fugitivo, sem poder abafar os gritos de sua consciência que o acusava do mais horrível sacrilégio. Quando lhe chegou aos ouvidos a sentença de morte pronunciada contra Mim, caiu no mais terrível desespero e se enforcou. Quem poderá compreender a dor intensa e profunda de meu Coração quando vi precipitar-se, na eterna perdição, aquela alma que tinha passado tantos dias na escola de



Reprodução
“São Pedro chora diante da Virgem”, por Guercino - Museu do Louvre, Paris

meu amor... [..] Judas, por que não vens atirar-te a meus pés a fim de que Eu te perdoe também?...”¹

A desconfiança da clemência de Deus feria mais o Coração de Jesus do que a traição pela qual padecia todos os tormentos da Paixão! Entretanto, Judas voluntariamente se fechou para sempre ao amor do Mestre, selando seu desespero com um espantoso suicídio.

Enquanto o cadáver do Iscariotes pendia de uma figueira, outro criminoso chorava sua infidelidade. Em

meio às lágrimas de dor, uma graça movia a alma de Pedro a uma verdadeira contrição. Mas, *hélas!* O Mestre já fora crucificado e sepultado... Como pedir-Lhe perdão? Naquele momento de angústia, talvez o primeiro Papa tenha se lembrado de Nossa Senhora e para junto d’Ela corrido pressuroso.

Podemos imaginar a comovente cena. Encontrava-Se a Santíssima Virgem em companhia de São João, quando soaram batidas à entrada da casa. Ao lhe ser aberta a porta, Simão não proferiu uma só palavra. Nem era necessário, pois as lágrimas falavam por si. Maria, vendo seu sincero arrependimento, fitou-o com indizível afeto... e também não precisou dizer nada. Estava tudo resolvido.

“Ao contrário do infame Judas Iscariotes, que se enforcou chafurdado na lama da traição e de seu obstinado orgulho, ele [São Pedro] experimentou o insondável abismo de amor que abrasava o Coração de Maria. E compreendeu que em qualquer situação da vida, fosse bom ou ruim o estado de sua alma, sempre encontraria ali um oceano de misericórdia, bondade e carinho, desde que a Ela recorresse com espírito contrito e humilhado”.² ✠

¹ MENÉNDEZ, RSCJ, Josefa. *Apelo ao amor*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Rio-São Paulo, 1963, p.417.

² CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima, o Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Lumen Sapientiae, 2019, v.II, p.504.



Estudo da doutrina católica: opção ou dever?

Nesta vida sempre temos algo novo para aprender sobre a doutrina católica. Acima das preocupações diárias, nossa atenção e nosso coração devem estar aplicados em abeberar-se nela.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP



Durante séculos, no tempo em que não existiam os radares e demais aparelhos sofisticados hoje disponíveis, a navegação a vela teve os astros como principal ponto de referência. O piloto deveria se orientar pela posição das estrelas para manter o rumo do navio. Por isso, não podia alguém tomar o timão e atravessar mares e oceanos – à mercê do sopro dos ventos, que muitas vezes eram contrários – se antes não fizesse um bom estudo de astronomia.

Da mesma forma, há uma exigência fundamental em qualquer responsabilidade que alguém venha a desempenhar na sociedade. Um médico, por exemplo, tem obrigação de saber como se desenvolvem as enfermidades, como atuam os vírus, quais são os remédios adequados para a cura das doenças, e inclusive precisa estar a par das descobertas de novas substâncias para resolver os eventuais males que apareçam. Se relaxar neste ponto, ficará desatualizado e pode vir a agir contra os deveres de seu ofício.

Também um advogado que não se interessa pelo estudo do Direito e não procura a cada dia se informar a respeito das leis promulgadas ou modificadas, não estará apto para defender as causas que lhe caibam e deixará de ser um profissional competente.

Obrigação moral de conhecermos mais a Deus

Ora, muito mais importante que o compromisso assumido com a profissão ou função, como se passa com a

Medicina, a Advocacia ou a Marinha, são os deveres para com Deus.

Todos nós começamos a existir no momento em que fomos concebidos, iniciando-se o processo de gestação no claustro materno. Contudo, se nossos pais deram origem à parte vital, sabemos que a concepção humana não se opera apenas nesse âmbito meramente natural, mas conta com o concurso de Deus, que cria a alma, cada uma diferente das demais, e a infunde no corpo nesse instante.

Estabelece-se assim uma dívida que nos põe na contingência de conhecer cada vez mais aquele Ser que nos criou, nos redimiou e ainda nos sustenta e nos ajuda a cada passo! Ele pode nos dar saúde, vida e felicidade, além de todas as graças de que precisamos!

Mas, infelizmente, mesmo sendo pessoas batizadas e que se aproximam dos Sacramentos – sobretudo que assistem à Missa e recebem a Comunhão –; mesmo sabendo que Nosso Senhor veio à terra com o objetivo de nos salvar e acreditando que Jesus é o Redentor do mundo, que tirou os pecados da

É obrigação moral empenharmo-nos em penetrar passo a passo nas maravilhas que envolvem os principais mistérios da nossa Fé

humanidade, muitas vezes nos falta conhecer mais a fundo quem é Ele!

É, portanto, uma obrigação moral empenharmo-nos em penetrar passo a passo nas maravilhas que envolvem os principais mistérios da nossa Fé. E como a Igreja está sempre se enriquecendo com panoramas e explicitações inéditos, cabe nos aprofundarmos a cada momento nessa compreensão que, aliás, nunca será completa, por dizer respeito a um Ser infinito.

Mesmo se vivêssemos um bilhão de anos, estaríamos constantemente aprendendo, e a própria eternidade será um contínuo descobrir de novos aspectos de Deus. Por isso, acima das preocupações comuns da vida, nossa atenção e nosso coração devem estar aplicados em abeberar-se na doutrina católica e procurar entender bem as leis que regem o relacionamento nosso para com o Criador e do Criador para conosco, a fim de voltarmos Àquele do qual saímos. Isso faz parte da santidade.

O exemplo dos Santos

Os Santos são aqueles cuja primordial inquietação consiste em saber mais a respeito da graça e do mundo sobrenatural, e em ter uma noção forte e substancial da familiaridade existente entre nós e Deus, para vivê-la com mais profundidade. Esse é o eixo do pensamento de todo homem que almeja a perfeição.

Santo Odilon de Cluny, por exemplo, que viveu na Idade Média, via-se constrangido a fazer longas viagens, nas quais se deslocava a cavalo. Dir-se-ia que ele empregaria o tempo livre durante aqueles percursos em contemplar os panoramas e meditar; porém, apesar das incomodidades próprias a uma cavalgada – sobretudo numa época em que não existiam livros de bolso –, ele costumava ir lendo os escritos dos autores clássicos, no intuito de censurar o que não tivesse serventia para a Religião Católica e aproveitar tudo o que fosse útil para

ensinar aos outros. E por vezes, se aparecia algum texto especialmente interessante, ele se esforçava por decorá-lo.

Pouco depois encontramos o grande São Tomás de Aquino, que foi enviado aos cinco anos de idade ao mosteiro beneditino de Monte Cassino. Trata-se de um lugar privilegiado, quer no que tange à localização – pois se situa sobre um monte imponente, grandioso e altaneiro, dominando as comarcas em torno –, quer pela bênção com que a virtude praticada por São Bento marcou aquela região.

A família dos condes de Aquino tinha se estabelecido nas proximidades, como senhores feudais. Naquele tempo, tal era a fama da Ordem Beneditina que as famílias nobres consideravam uma ótima carreira se um de seus filhos viesse a se tornar abade.

O menino, que manifestava desde a infância um profundo pendor piedoso e intelectual, já era um prodígio... Andando no mosteiro de um lado para outro, parava os monges e perguntava: “Quem é Deus?” Os religiosos respondiam: “Deus é um Ser eterno”, “Deus é o Ser onipotente”.

E ele, guardando esses dados, mais tarde veio a ser o extraordinário varão que escreveu 147 volumosas obras, entre as quais a famosa *Suma Teológica*, explicitando como ninguém até então os conhecimentos da doutrina católica.

Assim, facilmente concluímos que a vida de São Tomás

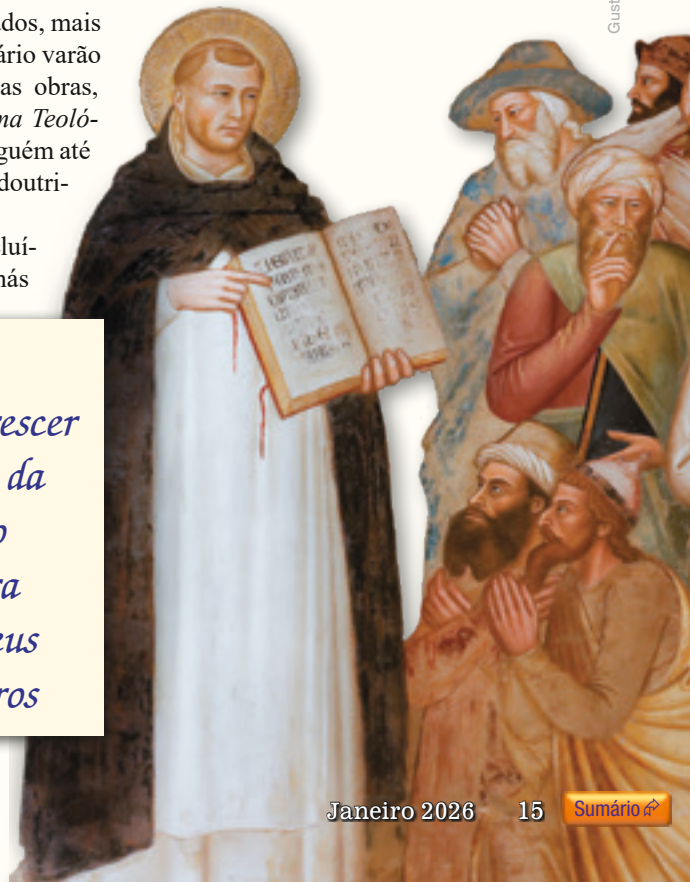
Os Santos se empenham em crescer no conhecimento da graça e do mundo sobrenatural, para conviver com Deus e ensiná-lo a outros

girou em torno deste único ponto: quem é Deus?

Já no século XX, o Papa São Pio X costumava lecionar o catecismo toda semana aos meninos que fariam a Primeira Comunhão. Ele afirmava, porém, necessitar de duas horas de estudo prévio para dar uma boa aula. É, aliás, a recomendação aos párocos e catequistas contida em sua Encíclica *Acerbo nimis*: preparar-se com estudo e séria meditação.¹

Por fim, se analisarmos com lupa a obra de Dr. Plínio, perceberemos que no seu cerne está essa procura por saber quem é Deus e qual deve ser o nosso relacionamento para com Ele. Por isso, sempre que podia reservava algum período do dia para ler. E quando, já nos últimos anos de vida, não mais conseguia fazê-lo porque suas vistas estavam enfraquecidas, pedia para alguns de seus filhos gravarem a leitura do texto do livro, a fim de ouvi-la.

São Tomás de Aquino ensinando, por Andrea de Bonaiuto - Basílica de Santa Maria Novella, Florença (Itália); na página anterior, “Lendo a Bíblia”, por Henriette Browne - Coleção particular



Gustavo Krahl

Grave falta no descuido do ensino da doutrina

Entretanto, às vezes acontece de pessoas encarregadas da cura de almas não se ocuparem com a educação religiosa daqueles a quem dirigem e até, sob pretexto de não os assustar, silenciarem verdades de Fé como, por exemplo, a noção de pecado e a existência do inferno.

Espantei-me certa vez ao ler no célebre *Catecismo Maior*, elaborado por São Pio X, uma cominação muito forte, enunciada com toda a precisão: “É necessário aprender a doutrina ensinada por Jesus Cristo, e cometem falta grave aqueles que se descuidam de o fazer”.²

E logo no parágrafo seguinte há esta afirmação não menos categórica: “Os pais e patrões são obrigados a procurar que seus filhos e dependentes aprendam a doutrina cristã; e são culpados diante de Deus se desprezarem esta obrigação”.³

Portanto, se incorre em pecado o patrão que na sua indústria ou empresa não se preocupa em dar instrução católica a seus funcionários, quanto maior é a responsabilidade daqueles que, en-

quanto superiores religiosos e pastores, não se dedicam a explicar a doutrina a seus subordinados e consciente e voluntariamente relaxam em sua formação moral! Assim, pela negligência de alguns, um maior número de almas se perde...

Lembremo-nos do episódio narrado por Madre Mariana de Jesus Torres, uma das fundadoras da Ordem Concepcionista em Quito, Equador. Como sói acontecer com os fundadores, aos quais Deus costuma revelar os acontecimentos futuros a propósito de sua obra, ela teve uma visão mística na qual contemplou, em meio aos tormentos eternos do

inferno, muitas freiras de seu convento que em vida haviam exercido o cargo de mestras de noviças. Todas haviam cometido um único pecado mortal: descuidaram sua obrigação de dar a devida formação às subalternas.⁴

Benefícios que há em aprofundá-la

Ora, também o oposto é verdadeiro: todo batizado que se esforça a cada dia em progredir na leitura e na compreensão da doutrina católica, adquire como que um “verniz” na alma, facilmente perceptível em sinais exteriores por um observador atento. Ademais, o ensino dessa doutrina nos ajuda na prática da virtude e, enquanto obra de misericórdia espiritual prescrita pela Igreja, pode ser considerado um sacramental, mediante o qual se transmite a graça.

Contudo, o estudo da Teologia nunca pode ser independente das demais matérias que formam o “universo” da Igreja, restringindo-se tão somente a um aspecto específico. É indispensável ter como fundo de quadro uma visão de conjunto, de maneira a captarmos melhor as partes.

Ao conhecimento dos princípios e das especulações variadas e cheias de hipóteses ainda não resolvidas, deve-se aliar o amor pelos Sacramentos, a análise da Exegese e da História, o conhecimento da Liturgia na sua perfeição. Tudo se coordena num colossal edifício, inteiramente monolítico, que é a Igreja, de cujo influxo sobrenatural provém a distribuição das graças.

Como ensiná-la com proveito?

Surge aqui uma pergunta: como ministrar com proveito um curso de doutrina católica?

Nos primeiros tempos do Cristianismo, aquele que acreditava na Santíssima Trindade e nos demais artigos do Credo em pouco tempo era aceito às águas batismais e tornava-se membro de Cristo. Hoje em dia, com respeito à preparação para o Batismo,

Aqueles que são responsáveis por outras almas têm a obrigação de ensiná-las a doutrina cristã, sendo culpados diante de Deus se negligenciam esse dever



Mons. João ministra uma aula de Catecismo em março de 2002



Arquivo Revista

Mons. João durante uma homilia em abril de 2007

a Primeira Comunhão e a Crisma, a catequese deve ser séria, mas não convém retardar por anos a admissão de uma pessoa no seio da Igreja. Portanto, discorridas e explicadas as principais verdades da Fé, é conveniente encaminhar logo o catecúmeno para dar os passos necessários à recepção dos Sacramentos.

Mas, quando se trata de dar uma formação sólida, o estudo deve durar até a hora da morte. E quem ensina, por mais que já saiba a doutrina católica, precisa fazer um esforço anterior para conhecer bem a matéria, mediante leitura assídua.

Não se trata, portanto, de criar uma doutrina nova, mas de tomar o que está no Evangelho e transmitir de maneira muito clara, viva e atraente, tornando o tema agradável. Cada um poderá fazer uso dos recursos e dons recebidos de Deus, ora sendo minucioso nas descrições, ora se adaptando às apetências dos alunos para aplicar àquele núcleo concreto o que foi lido em tese, ora combatendo a indolência dos ouvintes e estimulando-os, de modo que cada um

*Num mundo que
busca desfigurar a
fisionomia da Igreja,
somos convocados a
mostrar a verdadeira
face de nossa Mãe,
santa, digna e imortal*

dê sua contribuição ao explicar o que aprendeu.

**Mostrar ao mundo
a verdadeira face da Igreja**

Há, entretanto, um ponto essencial nessa formação, sobre o qual nunca será suficiente insistir: além do conhecimento que deve ser transmitido, é indispensável apresentar não só uma doutrina, mas também um tipo humano, um estilo de vida, uma forma de ser. Assim ordenou o Anjo do Senhor aos Apóstolos: “Ide falar ao povo, no

Templo, sobre tudo o que se refere a este *modo* de viver” (At 5, 20).

Infelizmente as gerações atuais pouco se interessam em estudar a doutrina da Santa Igreja e é raro ver alguém com um livro deste teor em mãos.

Pelo contrário, ao considerar a situação da humanidade em nossos dias, fica-se com o coração partido por constatar a existência de um verdadeiro *complot* da imprensa internacional para desonrar e desfigurar nossa Mãe.

Nessa circunstância, a Providência nos chama para a missão supremamente bela e honrosa de mostrar ao mundo a verdadeira face da Igreja, em toda a sua imortalidade, dignidade e santidade.

Por isso devemos ter por objetivo a formação global do homem, com vistas a constituir modelos que possam dar à sociedade a noção verdadeira do Decálogo, do amor a Deus, do que é ser católico apostólico romano e de onde se encontra a solução para os problemas dos dias atuais.

Peçamos a Nossa Senhora, em nossas orações, graças muito especiais para que haja um autêntico entusiasmo de coração – e não só de inteligência – pela aprendizagem da doutrina católica, e que esse estudo, feito com maestria, habilidade e arte, traga como benefício a transformação das mentalidades, de modo que a terra se aproxime cada vez mais do Céu! ✚

Excertos de exposições orais
proferidas entre os anos de
2000 e 2007

¹ Cf. SÃO PIO X. *Acerbo nimis*: AAS 37 (1904-1905), W 624-625.

² CATECISMO MAIOR DE SÃO PIO X. Rio de Janeiro: Permanência, 2018, p.27.

³ Idem, ibidem.

⁴ Cf. PEREIRA, OFM, Manuel Sousa. *Vida admirable de la Madre Mariana de Jesús Torres y Berriochoa*. Quito: Fundación Jesús de la Misericordia, 2008, t.II, p.98-99.

Multiplicidade, hierarquia e harmonia do universo

A constante batalha entre o bem e o mal dá-se na História através dos mais variados entrechoques. A vitória de um ou de outro, entretanto, decide-se em função de um único princípio, muitas vezes ignorado pelos bons.



✉ Bruna Almeida Piva

História, mestra da vida – diziam os antigos¹ com muita razão. Sobretudo se considerarmos a História não como uma mera sucessão de fatos, mas sob sua perspectiva mais alta, como “o caminhar da humanidade e de todo o universo rumo ao objetivo para o qual foram criados”² por Deus.

Esse caminhar, a partir do momento em que Satanás caiu do Céu como um raio (cf. Lc 10, 18) e o pecado entrou no mundo (cf. Rm 5, 12), consiste essencialmente numa grande luta entre o bem e o mal. Com efeito, todos os acontecimentos que definiram o destino da humanidade, a nível universal ou individual, foram ou triunfos da virtude, na realização dos desígnios divinos, ou êxitos da iniquidade, por perfídia do demônio.

Considerando, pois, o que tem a nos ensinar por esse prisma a sabedoria do passado, podemos entender de que artimanhas se utilizam os infernos para fazer avançar seu plano de desordem e, por outro lado, conhecer também com que armas deve prover-se o católico militante de nossos dias, desejoso de ajudar a

Santa Igreja a fazer crescer na terra o Reino de Cristo e de Maria.

Milenar artimanha do Maligno

Ao analisar os séculos que nos precederam, tomemos como exemplo inicial o primeiro pecado massivo cometido no seio da Cristandade.

Wittenberg, 1517. Um frade pregador de nome Martinho Lutero, já bastante influenciado por correntes espirituais e filosóficas avessas ao Catolicismo, indignou-se contra pretensos abusos cometidos pelo Santo Padre e cometeu também ele o abuso de fixar na porta da catedral da cidade noventa e cinco teses atacando a ação e a dou-

trina da Igreja. Estava detonada uma verdadeira revolução que, em pouco mais de cem anos, terminaria por romper para sempre a união das nações europeias sob a égide da Esposa Mística de Cristo. Lutero foi condenado como herege; porém, com o Tratado de Westfália em 1648, o protestantismo ganhou o título de “religião” e direito de cidadania.

Um fato posterior, de consequências mais ideológicas que políticas, poderá ser igualmente elucidativo. O século XVIII é chamado “das luzes”, das descobertas científicas, das grandes invenções, do crescimento intelectual e material. No entanto, tantas novidades já nasceram antipáticas à mentalidade da Igreja, sem que esta tivesse assumido contra elas qualquer postura pré-condenatória. Dir-se-ia que, existindo um só Deus criador das realidades espirituais e físicas, o progresso das ciências contribuiria para a propagação e confirmação da religião. Mas não. A ciência se desenvolveu separada da fé. Em consequência corroboraram-se na humanidade, sem maiores obstáculos, o espírito antirreligioso, o ceticismo, o materialismo e, afinal, o ateísmo declarado.

*Divisor por definição,
o inimigo infernal
sabe que a condição
de seu êxito está na
desagregação do bem...
Por que essa união do
bem é tão importante?*

Discórdia, divisão e conquista de cidadania: eis a estratégia milenar utilizada pelo mal para instalar-se no mundo. Depois de ter separado, em primeiro lugar, o homem de Deus – com o pecado original –, o demônio separou o espiritual do temporal, o religioso do laico, a nobreza do povo, a vida intelectual da vida moral, a piedade da combatividade; e continua fazendo sempre o mesmo com inumeráveis esplendores criados, desde os metafísicos até os mais práticos, como o conceito de união entre corpo e alma de que se constitui o homem.

Divisor por definição – pois o nome *diabo* vem do grego *διάβολος* (*diábolos*), que quer dizer *o que desune*³ –, o inimigo infernal sabe que a condição de seu êxito está na desagregação do bem. No entanto, qual será a razão mais profunda desse modo de agir? Por que a união entre o bem é tão importante a ponto de, uma vez rompida, ocasionar-lhe a ruína? Um olhar sobre a Teologia da criação elucidará o assunto.

Harmonia na multiplicidade

Se há muitas realidades inimagináveis pela limitada mente humana, poucas o são a título tão especial quanto

o momento bendito em que o Divino Artífice decidiu tirar do nada todas as coisas e iniciar a obra por excelência, de cujo primor as formas de arte inventadas pelo homem constituem meros reflexos. Pois bem, a Trindade Beatíssima produziu tamanha maravilha “para comunicar a sua bondade às criaturas, *bondade que elas devem representar*”⁴, afirma São Tomás de Aquino.

Isso se dá de duas maneiras. A primeira acontece a nível individual, pois cada ser, por pequenino que seja, reflete a Deus a seu modo. Mas reflete também enquanto constituindo uma parte dentro do imenso conjunto do

*No imenso conjunto
do universo, todas
as criaturas se
unem para formar
uma representação
completa do
Divino Artífice*

universo, no qual todas as criaturas se unem para formar uma representação completa d'Aquele que as fez.

Sobre esse segundo ponto, explica a Teologia que as perfeições divinas são infinitas e imensas, e não poderiam ser representadas de maneira satisfatória por uma única criatura. Essas perfeições, portanto, que são *unas* em Deus, refletem-se nos seres criados de maneira múltipla e distinta,⁵ à maneira de um raio de luz que se refrata nas diversas cores do arco-íris.

Dáí se compreende a necessidade da união dos seres entre si e com o Criador. Nessa harmonia, eles formam como que uma grande orquestra a louvar a magnificência do Altíssimo. Desarticulados, não podem senão produzir uma cacofonia, indigna da integridade divina. E a antiga Serpente, conhecedora desta verdade, não conseguindo em seu ódio destruir a Deus, procura arruinar a criação, inoculando-lhe em pontos estratégicos a peçonha divisora e sufocando nela os reflexos do Onipotente.

Além disso, mais ainda do que simplesmente destruir a obra divina, Satanás visa usar das criaturas para edificar seu próprio reinado, o





Monte Shasta (Estados Unidos)

inferno sobre a terra, como uma macaqueação sinistra do reino da santidade que o Salvador veio instaurar no mundo. Até lá chega a insolência de sua revolta contra Deus.

Ápice em função do qual tudo se ajusta

Por outro lado, sobranceando triunfante os embustes infernais, o plano de Deus realiza-se na História, em toda a sua riqueza e plenitude, por força da Redenção operada pelo Verbo Encarnado.

Se a unidade do bem foi ferida pelo pecado dos anjos e dos homens, Nosso Senhor Jesus Cristo restabeleceu-a para sempre por seu Sangue derramado na Cruz. Unindo em sua Pessoa as naturezas humana e a divina, Ele reconciliou com Deus todas as criaturas (cf. Col 1, 20) e realizou o misterioso desígnio divino de reunir em Si mesmo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra (cf. Ef 1, 9-10), como afirma o Apóstolo.

Ao falar da reconciliação de todos os seres, São Paulo refere-se inclusive às naturezas animal, vegetal e mineral que, segundo seu ensinamento, receberão em determinado momento os efeitos da graça redentora: “A criação ficou sujeita à vaidade, não por sua livre vontade, mas por sua dependência daquele que a sujeitou; também ela espera ser libertada da escravidão da

A criação é como uma montanha: há nela uma gradação que parte dos seres mais terrenos, na base, até aqueles que são mais sobrenaturais, no topo

corrupção e, assim, participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus” (Rm 8, 20-21). Nas palavras de São Tomás de Aquino, “na [manifestação da] glória dos filhos de Deus, toda a criação sensível obterá certa qualidade de glória, segundo o Apocalipse 21, 1: ‘Vi um novo céu e uma nova terra’”.⁶

O Cordeiro Divino é, pois, o centro do universo, a pedra angular em função da qual tudo harmoniosamente se ajusta (cf. Ef 2, 20-22), e com o qual todos os seres estão vinculados, na proporção devida a cada um.

Postura católica por excelência

As considerações precedentes tornam clara a nossos olhos uma verdade fundamental, quase sempre esquecida ou mesmo ignorada: o católico precisa saber discernir e manter a relação de todos os seres com Cristo, e nesse sen-

tido deve ser unitivo e harmonioso por excelência. Não promíscuo, abraçando igualmente a verdade e o erro, a virtude e o pecado, mas íntegro, preservando das ciladas infernais o *unum* do bem, como nos ensina mais uma vez São Paulo: “Não vos prendais ao mesmo jugo com os infiéis. Que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunidade entre a luz e as trevas?” (II Cor 6, 14).

Naturalmente, essa postura cristocêntrica tão necessária comporta uma hierarquia, pois a aglutinação arbitrária de muitas coisas boas não é senão uma forma diversificada de desordem... Falando a seus filhos espirituais a respeito de como as realidades mais básicas captadas pelo homem conduzem-no, de modo gradual e sadio, às cogitações mais elevadas, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira⁷ desenvolve uma metáfora que se adapta muito bem ao nosso caso.

A unidade da criação, afirma ele, se assemelha a uma montanha, constituída em sua base por uma cadeia de criaturas cuja ligação com Deus é mais elementar, pois são mais terrenas que celestes; em seu meio, de maneira progressiva, por cadeias de criaturas mais e mais elevadas; e em seu topo pela camada mais sobrenatural do universo, que tem relação estreita com a Santíssima Trindade. E todas essas cadeias formam um só conjunto hierarquicamente harmônico.

Sendo a adorável Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo o “topo” da montanha da criação – e aqui fazemos a aplicação da metáfora –, o cristão precisa saber ordenar sua vida, e a vida da sociedade em que está inserido, numa hierarquia de valores que tenha o Redentor como regra e medida para tudo, ou seja, dando sempre a precedência àquilo que tem maior ligação com Ele e, afinal, unindo sob essa regra todas as coisas, em saudável harmonia.

Modelo perfeito dessa atitude é a Santa Igreja Católica. Não há aspecto da vida humana sobre o qual ela não tenha pousado seu desvelo materno, desde as mais altas necessidades de santificação até as mais pungentes misérias a que o homem está sujeito. Sem ser uma instituição filantrópica, ela foi sempre o refúgio e a provedora dos pobres; sem ser uma clínica, fundou os hospitais e manteve inúmeros deles; sem ser uma academia, tornou-se a grande propagadora das universidades e institutos de ensino; e em tudo isso, como exímia cumpridora do mandato de Cristo (cf. Lc 12, 31), buscou sempre em primeiro lugar aproximar as almas do Reino de Deus e de sua justiça, dispensando o restante como simples acréscimo.

Para tornar ainda mais claras essas considerações, imaginemos: como seria o mundo se todos praticassem os Dez Mandamentos? Que geração de homens se formaria se os professores, nas escolas, procurassem educar não apenas as mentes



“Ascensão”, por Jacopo di Cione -
Galeria Nacional, Londres

*Nosso Senhor Jesus
Cristo é o “topo” da
montanha da criação,
e em função d’Ele o
cristão precisa saber
ordenar sua vida e a
vida da sociedade*

para futuros desafios profissionais, mas sobretudo as almas para a batalha da santificação? Que esplendor atingiriam as artes se, além de deleitar os sentidos, exprimissem aos espíritos algo da beleza de Deus? O que seria a arquitetura se, abrigando não meros seres racionais, mas almas batizadas, as conduzisse à compostura e o pensamento às realidades celestes?

Isso aconteceria se a humanidade fosse autenticamente católica apostólica romana, pois a alma assim formada exprime Cristianismo em tudo o que faz. Implantar-se-ia no universo aquela suprema e genuína harmonia que Deus teve em mente ao criar tudo do nada, e pela qual nossa alma suspira, muitas vezes até sem nos darmos conta.

O reino da paz se estabelecerá!

Esse suspiro latente, no entanto, não cairá no vazio. O reino da paz cristã não é utópico como a vitória do mal. Ao contrário, pelos méritos infinitos do Salvador e a rogos de Maria Santíssima, Soberana do Universo, ele se estabelecerá sobre a terra, e quiçá num futuro não muito distante.

Se, pois, o diabo trabalha com afincos, “cheio de grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta” (Ap 12, 12), não sejamos nós menos diligentes na edificação do Reino de Cristo e, como dignos filhos da harmonia, batalhemos sem cessar para que a vontade de Deus se cumpra logo, estavelmente, “assim na terra como no Céu”. ✠

¹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De oratore*. L.II, n.36.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 17/1/1967.

³ Cf. GARCÍA SANTOS, Amador Ángel. *Diccionario del griego bíblico*. Estella: Verbo Divino, 2011, p.198.

⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.47, a.1.

⁵ “Como uma única criatura não seria capaz de representá-la [a bondade de Deus] suficientemente, Ele produziu criaturas múltiplas e diversas, a fim de que o que falta a uma para representar a bondade divina

seja suprido por outra. Assim, a bondade que está em Deus de modo absoluto e uniforme está nas criaturas de forma múltipla e distinta. Consequentemente, o universo inteiro participa da bondade divina e a representa mais perfeitamente do que uma

criatura, qualquer que seja ela” (Idem, *ibidem*).

⁶ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Epistolam ad Romanos expositio*, c.II, lect.4.

⁷ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 10/1/1981.

A razão na clausura

Das castas núpcias entre a fé e a razão procede a sabedoria, que não é senão uma participação no próprio conhecimento de Deus.

✎ Valter Gonçalves Reis da Silva



No cume do firmamento, refulgindo com especial ardor, o astro rei espargia seus raios sobre as imensas vastidões do deserto, percorridas por um solitário viajante, sedento e cansado. Sua jornada, porém, parecia finalmente ter chegado ao termo. Acabava ele de se deparar com um robusto e antigo mosteiro, cujas paredes davam ares de terem resistido às mais impetuosas arremetidas dos homens, do tempo e do sol.

Lentos e pesados golpes fizeram tremer a porta, que logo se abriu para o viandante. Dois olhares se entrecruzaram: o do vigoroso transeunte, de cará-

ter infatigável, lógico e sensato; e o de um venerando monge, vivaz, intuitivo e esperançoso, cuja idade só poderia ser percebida pela alvura dos cabelos e da barba. O caminhante deu mostras de querer entrar na clausura.

No entanto, caro leitor, antes de prosseguirmos a nossa história, acredito que conhecer os nomes desses dois personagens nos será proveitoso. O peregrino chama-se razão; o monge, fé. O deserto é a vida do homem nesta terra; o mosteiro, a Igreja; e a clausura, a doutrina católica.

Ademais, convém nos pormos duas questões. Será que o hóspede – ou seja,

a razão – tem algum papel na doutrina católica, ou a clausura é privilégio da fé? Por outro lado, a razão, que vagueia tão livremente pelo ermo, não estaria se condenando assim a uma perpétua prisão? Vejamos.

O ofício da razão

A razão é a faculdade pela qual o homem supera em excelência todos os outros animais, já que apenas ele pode conhecer e se questionar a respeito da natureza das coisas. Perguntas como “quem sou eu”, “de onde venho”, “para onde vou” são tão antigas quanto a própria humanidade, que busca continuamente desvendar os mistérios que a circundam.

Dessa investigação se origina a ciência, conjunto de proposições certas metodicamente ligadas entre si por suas causas e princípios. O que a razão inquire, portanto, é a verdade.

Nessa metáfora, será que o hóspede – ou seja, a razão – tem algum papel na doutrina católica, ou a clausura é privilégio da fé?



“Monges numa igreja em ruínas”, por Charles-Caius Renoux - Museu de Belas Artes, Grenoble (França)

Mas, o que é a verdade? Ela consiste, de um lado, na correspondência ou adequação daquilo que está no pensamento com a realidade. Se, por exemplo, num dia de céu de brigadeiro alguém nos avisar que está chovendo, só por cortesia nós não o chamaremos de mentiroso. Por quê? Porque o seu pensamento não corresponde à realidade.

Contudo, a verdade tem também um caráter transcendental, posto que se funda no Verbo de Deus, que declarou: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Toda verdade se origina na Verdade suprema que é Deus, como confessa poeticamente a Águia de Hipona: “Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus”.¹

Ora, se a razão se dedica a buscar a verdade, sua finalidade última só pode ser alcançar a Verdade suprema, ou seja, Deus. No entanto, seria a razão capaz de conhecer a Deus ainda nesta terra, ou apenas no Céu? O veremos tal como Ele é (cf. I Jo 3, 2)?

A fé vem em auxílio da razão

Nós conhecemos o que nos rodeia mediante os cinco sentidos: sem a visão não saberíamos o que são as cores, e sem o tato não distinguiríamos entre o liso e o rugoso. Mas o fato de o Altíssimo escapar à percepção de nossos sentidos não impossibilita que O conheçamos de alguma maneira: “Desde a criação do mundo”, elucida São Paulo, “as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência por suas obras” (Rm 1, 20).

Portanto, ainda que não logremos saber como Deus é em Si mesmo, podemos ao menos, por analogia com as criaturas, conhecer algo de sua insondável perfeição, refletida na ordem do universo. A perenidade das montanhas nos dá uma ideia da eternidade divina, a imensidão do universo reflete sua infinitude, a multidão de seres vivos indica sua superabundante dadivosidade, e assim por diante. A criação, portanto,

postula a existência de Deus como fato comprovado pela razão.

Mas se podemos chegar ao conhecimento de Deus e da verdade apenas pela razão, de que serve a fé? Existem duas classes de verdades que o Senhor nos revelou: algumas estão ao alcance da razão – por exemplo, a alma e sua imortalidade, a existência de Deus e sua perfeição, a necessidade de praticar

a virtude –; outras a excedem – como o mistério da Santíssima Trindade, a união hipostática das naturezas divina e humana em Nosso Senhor Jesus Cristo, o mundo da graça, a ressurreição futura e os seres angélicos –, exigindo o assentimento da fé.

Entretanto, a bondade divina dispôs que as primeiras fossem também objeto da fé. Por quê? Porque, devido à sublimidade delas, poucos seriam os homens que as alcançariam pela simples razão.

Como conseguiriam tempo para fazer um curso de Filosofia aqueles que com dificuldade tiram da terra o seu pão e estão ocupados em mil trabalhos? Ademais, os homens facilmente se deixariam influenciar por falsos argumentos, o que os levaria a se trasviarem da verdade, não se encontrasse ela de antemão estabelecida pela fé. Por fim, nem todos se disporiam a embarcar em tal investigação, já que a preguiça e as paixões desordenadas não são alheias à natureza humana. Donde conclui São Tomás que “a humanidade permaneceria em meio a grandes trevas de ignorância se, para conhecer a Deus, somente a via da razão estivesse aberta”.²

Além dessas verdades alcançáveis com esforço pela razão, o Criador também nos revelou, como dissemos, outras que nos escapam ao entendimento. O Altíssimo assim o fez para que nos afastássemos da presunção, a mãe do erro. De fato, muitas pessoas julgam como verdadeiro apenas aquilo que veem, e desprezam como fantasia tudo quanto não captam pelos sentidos. Desse modo, “para que o espírito humano, liberado dessa presunção, chegasse a uma humilde busca da verdade, foi necessário”, explica o Doutor Angélico, “que Deus propusesse ao homem certas coisas que excedessem plenamente a sua inteligência”.³

Cabe ainda uma última consideração: uma vez que a certeza conferida



Alegoria da fé, detalhe de “Fé, esperança e caridade”, por Heinrich Maria von Hess - Museu Hermitage, São Petersburgo (Rússia)

Existem duas classes de verdades que o Senhor nos revelou: algumas estão ao alcance da razão; outras a excedem, exigindo o assentimento da fé



pela fé se funda plenamente na autoridade divina, seu testemunho deve receber muito mais crédito de nossa parte do que as alegações da razão, ainda que estas nos sejam mais evidentes. Devido à debilidade de nossa inteligência ocasionada pelo pecado original, muitas vezes emitimos juízos equivocados e imprecisos, ao passo que Deus jamais Se engana nem nos pode enganar. Por isso São Tomás⁴ assevera que, sem a fé, viveríamos imersos na mentira.

A razão vem em auxílio da fé

Acabamos de afirmar que a fé se alicerça na autoridade divina. Mas esta não é uma conclusão ditada pela fé? Não incorremos aqui num círculo vicioso? Paradoxalmente, a noção da autoridade e infalibilidade de Deus nos é dada pela própria razão. Esta nos prova, como vimos, que Deus existe e, logo em seguida, nos demonstra que Ele não cai em mentira. Em suma, a razão fundamenta certos preâmbulos da fé.

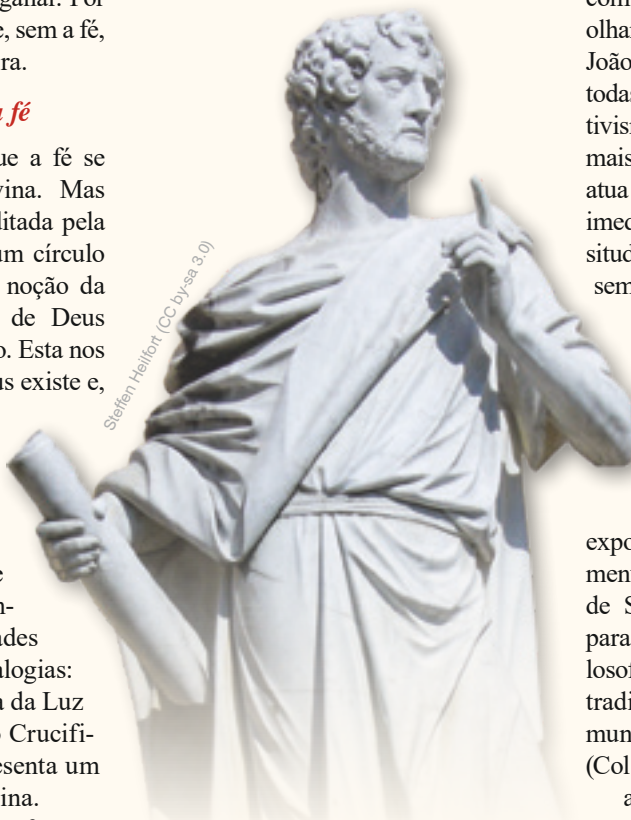
Por ela o homem pode também ter uma compreensão mais profunda das verdades da fé, utilizando-se das analogias: a luz material é uma sombra da Luz Eterna, o cordeiro lembra o Crucificado, o espaço sideral representa um esboço da prodigalidade divina.

Por fim, à razão cabe uma função apologética, pois por ela o fiel pode opor-se àqueles que atacam a fé, apresentando a falsidade de seus argumentos, conforme aconselha São Pedro: “Estai sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança” (I Pd 3, 15).

Aliança e guerra entre fé e razão na História

A relação entre fé e razão, que acabamos de delinear sumariamente, sempre foi objeto de acaloradas discussões ao longo dos séculos. Poderíamos sintetizar em quatro as posições adotadas.

Na primeira estão abarcados todos aqueles que negligenciaram tenazmente o papel da fé. Ainda que pessoas assim possam ser identificadas em toda a História, é oportuno ponderar que o seu número se multiplicou de forma avassaladora a partir do século XVI, sobretudo com o advento da Filosofia Moderna e do Humanismo.



Alegoria da Filosofia - Fundação dos Palácios e Jardins Prussianos de Berlim-Brandemburgo, Potsdam (Alemanha)

Desde então, o homem passou a ocupar o centro da investigação filosófica e científica, e diversos pensadores empenharam-se em restringir os limites do conhecimento humano, bem como suas condições. Assim, “a razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a tensão para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar o olhar para o alto”,⁵ como afirma o Papa João Paulo II. Daí haveriam de surgir todas as formas de agnosticismo e relativismo em que a humanidade cada vez mais se afunda. Desprezada a fé, que atua como auxílio da razão, o homem imediatamente se vê entregue às vicissitudes do mundo, como um navio que, sem farol, está destinado ao naufrágio.

Em segundo lugar, encontram-se aqueles que negaram qualquer crédito à razão. Precipitando-se em um fideísmo radical, ousaram afirmar: “Creio porque é absurdo”. Tertuliano foi, sem dúvida, um dos principais expoentes dessa tese, que se fundamentava erroneamente na autoridade de São Paulo: “Estai de sobreaviso, para que ninguém vos engane com filosofias e vãos sofismas baseados nas tradições humanas, nos rudimentos do mundo, em vez de se apoiar em Cristo” (Col 2, 8). Fica claro que o Apóstolo, ao advertir assim os colossenses, não censurava o papel da razão, mas sim certas especulações esotéricas e gnósticas, nas quais se prometia a bem-aventurança apenas pelo conhecimento de algumas verdades, reservadas a uns tantos eleitos.

No terceiro grupo, estão aqueles que impuseram uma distância entre fé e razão. Destacam-se especialmente os discípulos do filósofo árabe Averróis, os quais, temendo aceitar a supremacia da ciência filosófica sobre a fé – como fizera seu mestre –, preferiram optar pela teoria da “dupla verdade”. Segundo afirmaram, a fé e a razão tratam de verdades diferentes, dispares entre si. Ou seja, admitiam a possibi-

A razão fundamenta certos preâmbulos da fé, auxilia a compreender mais profundamente suas verdades e a defendê-las quando são atacadas

lidade de haver contradição entre elas. A fé poderia, por exemplo, apregoar a liberdade humana e a razão a contestar, afirmando que o livre-arbítrio desaparece sob os golpes do destino.

Por fim, no quarto conjunto enquadram-se aqueles que resguardaram a harmonia entre as duas. Defendiam o princípio de que não pode haver conflito entre a fé e a razão, já que ambas não são senão dois canais que conduzem à mesma fonte: a verdade. Donde João Paulo II dar início a sua encíclica sobre o tema com estas palavras: “A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”.⁶

Tal proposta foi amplamente difundida entre os Padres da Igreja, em especial por São Justino, Clemente de Alexandria e Santo Agostinho. Além destes, houve egrégios doutores na Escolástica que seguiram a mesma senda: entre outros, Santo Anselmo e, sobretudo, São Tomás de Aquino. O aporte desses paladinos da Igreja seria sintetizado nas máximas: “Creio para entender” e “Entendo para crer”. Suas principais conclusões, já as transcrevemos mais acima ao indicar os auxílios da fé à razão e vice-versa.

Um sagrado consórcio

Tendo esboçado em céleres traços o relacionamento entre a fé e a razão, ficam ainda de pé as interrogações do começo do artigo.

Quanto à primeira – se a razão tem algum papel na doutrina católica –, a resposta é certamente afirmativa: a fé, solitária em seu claustro, não só pode admitir a entrada da razão, como deve recebê-la; se assim não fosse, ela pereceria por falta de defesa, de preâmbulos e desenvolvimento.

E a segunda questão? A razão não fica presa na clausura? Muito pelo contrário: é pela Revelação que se lhe abrem espaços infinitos de especulação.

Afinal, das castas núpcias entre a fé e a razão procede a sabedoria, que não é senão uma participação no pró-



Reprodução

Santo Agostinho, por Philippe de Champaigne - Museu de Arte do Condado de Los Angeles (Estados Unidos)

*Quem cultiva em si a
união entre fé e razão
verá tudo, ao mesmo
tempo, na sua realidade
concreta e palpável,
e na sua forma mais
sublime e sobrenatural*

prio conhecimento de Deus. Aquele que cultiva essa união em seu interior tenderá a ver tudo ao mesmo tempo na sua realidade concreta e palpável, sem sonhos nem fantasias, e na sua forma mais sublime e sobrenatural, com um *élan* quase incoercível para as altíssimas considerações.

Portanto, caro leitor, se você almeja chegar àquele estado de espírito apto para a força e para a doçura, para a tran-

quilidade e para o inopinado, para a alegria e para a tristeza, para a eloquência e para o silêncio, em uma palavra, para todos os opostos ordenados, sem nunca perder o eixo fundamental, que é a sabedoria, conserve sempre esse sagrado consórcio.

A razão iluminada e a serviço da fé fará que não sejamos “crianças ao sabor das ondas, agitados por qualquer sopro de doutrina, ao capricho da malignidade dos homens e de seus artifícios enganadores” (Ef 4, 14). ✚

¹ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. L.X, c.24, n.35.

² SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Summa contra gentiles*. L.I, c.4.

³ Idem, c.5.

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super De Trinitate*, q.3, a.1.

⁵ SÃO JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*, n.5.

⁶ Idem, n.1.



Raciocinar com base nos princípios da Fé

Unindo à fé o bom senso e o gosto pelo raciocínio, Dr. Plinio acostumou-se, desde menino, a considerar os problemas referentes à Igreja ou à doutrina católica de maneira a intuir a solução antes mesmo de esta se tornar explícita.

✠ Plinio Corrêa de Oliveira

Tenho uma ideia vaga dos meus primeiros raciocínios. Nem sequer me lembro sobre que matéria versaram, mas me recordo bem de que, em certo momento, dei-me conta de algumas demonstrações lógicas feitas para mim. Posso imaginar que demonstrações insipientes devem ter sido: um dado, outro, tal outro; logo, conclusão.

Em certo momento, fiz a seguinte reflexão: “Curioso como isso funciona! E confere com o que estou vendo. Oh, que maravilha!” Lembro-me que literalmente fiquei encantado quando explicitiei a existência do raciocínio e de um processo pelo qual podia jogar, utilizar e conhecer outras verdades que não conhecia. É natural, por ser o homem um animal racional.

Quando isso se tornou explícito para mim, tive um gosto de raciocinar fabuloso, proveniente de duas impressões. A primeira, a do horizonte que se alargava. A segunda, característica do homem, a do gosto pela própria destreza, por perceber em mim a força do ato de raciocinar, que me levava a exclamar: “Que bom, eu sou racional!”

Tenho a certeza de que isso se passa com todo mundo, e não o estou apresentando de nenhum modo como fato excepcional, nem como manifestação de talento ou de virtude maior do que

de um outro. Entretanto, nem todos fazem a opção certa, nem dão atenção ao raciocínio.

A pista para o raciocínio é o bom senso

Quando comecei a prestar atenção no raciocínio e a ensaiar raciocínios,

fiquei, como eu disse, encantado. Mas não podia deixar de ser que me perguntasse o seguinte: “Quantas convicções tenho na alma que não foram raciocinadas! Serão verdadeiras? Porque, se se atinge a verdade por meio do raciocínio bem feito, a toda certeza deve preceder um raciocínio. Eu estou com a alma cheia de certezas; onde estão os raciocínios?”

Recordo-me literalmente disso, e de ter chegado à conclusão seguinte: “Eu já tenho tantas certezas que, se fosse raciocinar tudo, passaria o resto de minha vida para confirmar o que já sei. Este modo de proceder parece muito lógico, mas tem qualquer coisa de quebrado. Emerge alguma coisa aí que eu distingo: vai contra o bom senso.

“Ah, então existe uma coisa chamada bom senso, a que o raciocínio nem sempre obedece! Cuidado com o raciocínio... Ele é magnífico, mas poderia ser comparado a um automóvel ou, menos prosaicamente, a cavalos que correm numa pista. Fora da pista, dá em desastre! A pista para o raciocínio é o bom senso. Há um embasamento qualquer na pessoa que, quando a lógica galopa e dá uma patada no bom senso, deve pôr freio na lógica. Não pode haver um conflito entre o raciocínio e o bom senso, mas, enquanto não for



Reprodução

“Lembro-me que literalmente fiquei encantado quando explicitiei a existência do raciocínio”

Plinio aos 2 anos de idade

resolvido o conflito, fica valendo o bom senso. Raciocínio que dá patada no bom senso, não!”

O que é o bom senso? É uma pergunta que me pus.

Resposta: “Ainda não sei, mas trata-se de algo que existe em mim. Se aceitar qualquer canivetada do raciocínio nesse bom senso, eu sangro. Pelo contrário, sei que, se o raciocínio florescer na linha do bom senso, eu ando de acordo com a ordem e a harmonia”.

Entra aí a Igreja Católica.

Fé, bom senso, raciocínio

Meus pais me matricularam no Colégio São Luís,¹ e ali comecei a ter aulas metódicas de Religião. Ademais, a propósito de várias matérias os padres tratavam desse tema, com uma lógica jesuítica incomparável. De onde eu ter a impressão de que encontrara não uma escola de lógica, mas a escola de lógica.

Porque eu os via raciocinar – e tinham todos a mesma lógica – e dizia de mim para comigo: “Por mais maduro que eu seja de futuro e por mais que venha a estudar, tenho a certeza de que, mais lógica do que essa, não adquirirei. Ora, a lógica desses padres nunca contunde com o meu bom senso; pelo contrário, quando eles raciocinam eu sinto que meu bom senso se distende e se alegra.

“Por outro lado, a lógica deles dá gume à minha. Vendo-os raciocinar, eu de tal maneira sei impostar o espírito para raciocinar que se diria ser uma nova luz que entra em mim. O que é isso? Percebo que eles justificam a Fé Católica”.

Então há uma tripeça: Fé Católica, bom senso e lógica.

Um orvalho descido do céu

Cada vez que eu raciocinava com base nos princípios da fé – tudo o que a Igreja ensina a respeito de Deus, de si mesma, de sua História; as narrações da História Sagrada e dos Evangelhos; os pontos de doutrina que me iam sendo transmitidos, como os Sacramen-



Jeff Griffith / Unsplash

O raciocínio pode ser comparado a cavalos que correm numa pista, que é o bom senso: fora dela, dá em desastre!

Corrida de cavalos em Tampa (Estados Unidos)

tos –, sentia o meu bom senso muito mais do que alegrar-se. E pensava: “Como meu bom senso se eleva! Esses princípios são como o orvalho descido do céu sobre a vegetação. Que coisa estupenda, não se poderia imaginar algo igual!”

Isso se passava em relação a tudo, mesmo os pontos que eu via os ateus de minha *entourage* atacarem mais. Por exemplo, sobre a Presença Real eles diziam: “Como um homem pode caber num pedaço de pão? E um homem que morreu há dois mil anos... Pão é pão, e homem é homem! Eu não posso crer nisso. Sou um espírito forte”.

E eu raciocinava: “Se alguém dissesse que é pão, eu afirmaria ser um louco. Nosso Senhor Jesus Cristo diz que é pão, eu exclamo: Ele é Deus! Tal é sua santidade, sua sabedoria! Não só eu, menino, mas nenhum homem inventaria uma pessoa como Nosso Senhor Jesus Cristo; Ele está acima de qualquer cogitação humana. Esse Homem não se inventa, não pode ser objeto da criação literária de ninguém. Ele é o Criador humanado. E daí vem tal poder: quando Ele diz ‘Este pão é a minha Carne’, é. E eu, em vez de dizer ‘louco’, dobro os joelhos e osculo o chão.

“Este indivíduo está dizendo que é um espírito forte; ele é um imbecil! Sei bem de onde vem o ‘espírito forte’

dele. Bastaria que Deus o dispensasse – aliás, Deus nunca faria isso – da prática de dois Mandamentos que eu conheço, e ele acreditaria também; trata-se de um rebelde, não de um forte. Ele é ateu porque é revoltado. Não tenho nada de comum com ele!”

Alegria de alma por entrever a solução

Eu pensava muito em tudo quanto se relaciona à Igreja, observava, analisava. Não se tratava tanto de leitura. Tenho lido bastante, mas nunca fui um homem principalmente leitor. Fui sempre muito observador e amigo de refletir; e, a propósito de minhas observações e reflexões, então lia.

E fui notando que o binômio raciocínio-bom senso, quando aplicado à fé, tinha um resultado curioso: muitas vezes, quando eu me punha um problema referente à Igreja ou à doutrina católica, antes de saber resolvê-lo já percebia qual era a solução.

Havia se formado em mim, pela união com a Igreja, um como que bom senso complementar e superior, que era o senso da coisa católica. De maneira que, antes mesmo de saber o que a Igreja ensinava e como ela resolvia tal problema moral, ou explicava tal movimento da História ou tal circunstância da vida, antes de fazer



O homem, conjugando os conhecimentos que tem pela Fé com os que possui pela razão, pode, no inteiro desenvolvimento do seu bom senso, formar um tesouro magnífico de certezas

Mirante da Pedra do Moleiro - Dolní Zálezly (República Checa)

o raciocínio que juntasse uma ponta à outra, antes de procurar algum livro para fazer uma consulta, na grande maioria dos casos – não sempre – eu já entrevia a solução. E essa solução me trazia uma extraordinária alegria de alma.

Senso católico

Então nasceu normalmente em mim algo cuja definição vim a conhecer depois: o senso católico. É esse bom senso a propósito das coisas da Fé que voa na frente do raciocínio, o qual, reverente, percorre como um viandante com o seu bordão, na terra, o caminho que o pássaro fez voando no céu. O bom senso põe os vários elos, os diversos elementos para o raciocínio caminhar até o fim.

Dotado do senso católico e compreendendo que se tratava de um favor, de uma bondade de Nossa Senhora, eu caminhei rumo à constituição da minha mentalidade, como depois ela foi-se desdobrando ao longo da vida.

Tal posição tinha de trazer este resultado: à medida que eu conhecia e analisava a Igreja, ia me maravilhando cada vez mais com ela.

Não se pode ter inteira certeza sem a Fé Católica

Com quanta certeza eu falei do bom senso e do raciocínio! Mas percebo que todas essas certezas que possuo, eu não

teria personalidade nem força para adquirir-las se não fosse a Fé.

Não se trata de uma Fé qualquer. A Santa Igreja Católica Apostólica Romana é única, e fora dela nenhuma outra merece o nome de Fé. Tendo a crença nessa infalibilidade, todos os tesouros se abrem para mim; perdendo-a, as minhas certezas amolecem, meu bom senso se gelatiniza e eu não sou nada.

Acabo de dizer que o homem, tomando os conhecimentos que tem pela Fé e conjugando-os com os que possui pela razão, pode, no inteiro respeito e no desenvolvimento do seu bom senso, formar um tesouro magnífico de certezas. Mas sem a graça de Deus ele não consegue isso. Ele pode ter certeza num ou noutro ponto – como um cientista que descobriu uma reação química –, mas seriam certezas fragmentárias. E pedaços de certeza não formam uma certeza, como cacos de vidros não constituem um vitral. A certeza pertence ao conjunto das verdades que dizem respeito ao homem, a Deus e ao universo. Isto é certeza!

É em função disso que as certezas científicas e outras se encaixam, se ordenam. Mas não se pode ter inteira nem adequada certeza sem a santa Fé Católica Apostólica Romana.

A fé alarga os horizontes, ordena o pensamento

É certo que a razão humana, sem recorrer à Revelação, encontra por si mes-

ma muitas verdades que nesta também estão contidas, como, por exemplo, a unicidade de Deus ou a demonstração de que os Mandamentos do Decálogo são justos.

Mas, sem a graça de Deus, o homem não seria capaz de permanecer muito tempo com uma noção límpida sobre os dez Mandamentos nem seria capaz de praticá-los duravelmente, embora os pudesse conhecer.

São Paulo mostra que somos consortes da natureza divina (cf. Rm 8, 16-17); algo da própria vida de Deus habita em nós. Pela luz, pela força que nos vem da graça, a inteligência e a vontade podem crer, conhecer e praticar respectivamente o que devem. Com a graça, a inteligência se engrandece e passa a conhecer verdades que o homem jamais conheceria, nem mesmo antes do pecado original, se não fosse a Revelação.

A fonte da graça é a Igreja Católica, e a cúpula da Igreja Católica é o Papa, a infalibilidade pontifícia. Aqui temos a ordenação, o calor de alma com que nós, católicos, devemos viver. ✚

Extraído, com adaptações para a linguagem escrita, de:
Conferência. São Paulo, 17/10/1981

¹ Colégio dos padres jesuítas, em São Paulo.



O fogo santo da fé de Maria

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§149 Durante toda a sua vida e até sua última provação, quando Jesus, seu Filho, morreu na Cruz, sua fé não vacilou. Maria não deixou de crer “no cumprimento” da Palavra de Deus. Por isso a Igreja venera em Maria a realização mais pura da fé.

Um dos momentos mais belos e simbólicos do Sábado Santo dá-se enquanto, na escuridão e no silêncio, os fiéis aguardam o início da celebração. As luzes que costumam iluminar o templo parecem ter sucumbido, vencidas por densas sombras. Uma única claridade permanece invicta: as brasas do fogo santo. Em breve, junto a este começará a cerimônia e nele se acenderá o Círio Pascal, que transmitirá o *lumen Christi* para a igreja inteira.

Se belo é o simbolismo desse fogo que vence as trevas, quanto mais o é o de outro “fogo” que ele representa!

Lemos nos Santos Evangelhos que, estando Jesus no alto da Cruz, desde a hora sexta até a nona toda a terra cobre-se de trevas (cf. Mt 27, 45). Trata-se de trevas físicas, não há dúvida, mas muito mais ainda de trevas espirituais, pois a luz da fé desvanece nos corações dos discípulos e das Santas Mulheres. Entretanto, conforme pondera Dr. Plínio, “há uma lâmpada que não se apaga, nem bruxuleia, e que arde só ela plenamente, nesta escuridão universal. É Nossa Senhora, em cuja alma a fé brilha tão intensamente como sempre. Ela crê. Crê inteiramente, sem reservas nem restrições. Tudo parece ter fracassado. Mas Ela sabe que nada fracassou. Em paz, aguarda Ela a Ressurreição. Nossa Senhora resumiu e compendiou em Si a Santa Igreja nesses dias de tão extensa deserção”.¹

Como era, pois, a fé de Maria? Podemos afirmar, com São Luís Grignon de Montfort, que foi maior do que “a fé de todos os patriarcas, profetas, Apóstolos e de todos os Santos”.² Portanto, trata-se da maior fé que houve na História. Como explicar isso?

A fé é uma virtude sobrenatural infusa, pela qual assentimos firmemente às verdades reveladas, apoiados na autoridade ou testemunho de Deus. Ora, Cristo Nosso Senhor, sendo a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e estando a sua Alma na visão beatífica, mesmo na sua natureza humana já via essas verdades reveladas na própria divina essência e, por isso, não teve nem poderia ter fé. É nesse sentido que a Santíssima Virgem constitui o mais alto e sublime modelo de fé que já existiu.³

A fé de Maria foi submetida a uma tríplice prova: a do invisível, a do incompreensível e a das aparências contrárias. E Ela as superou de maneira verdadeiramente heroica, pois “viu seu Filho no estábulo de Belém e acreditou que era o Criador do mundo. Viu-O fugir de Herodes e não deixou de crer que era o Rei dos reis. Viu-O nascer no tempo e acreditou que era eterno. [...] Viu-O, finalmente, mal-

tratado e crucificado, morrer sobre o mais ignominioso patíbulo e creu sempre em sua divindade”.⁴

Efetivamente, nunca houve nem haverá na terra uma fé como a de Maria! ✝

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Via-Sacra. XIV Estação. In: *Legionário*. São Paulo. Ano XVI. N.558 (18 abr., 1943), p.5.

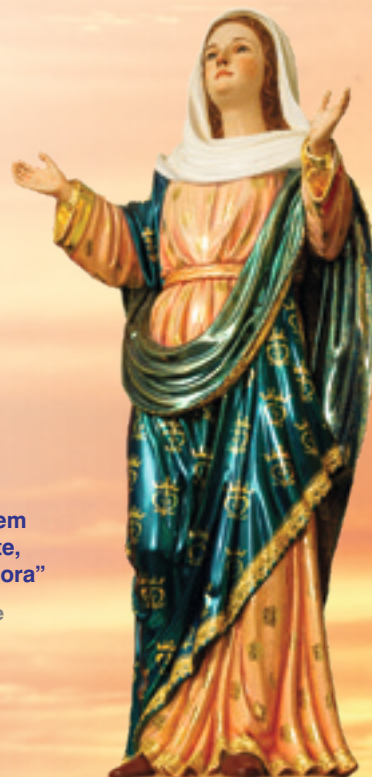
² SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.214.

³ Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *La Virgen María*. Madrid: BAC, 1996, p.274.

⁴ ROSCHINI, OSM, Gabriel. *Instruções marianas*. São Paulo: Paulinas: 1960, p.162.

“Há uma lâmpada que não se apaga, nem bruxuleia, e que arde só ela plenamente, nesta escuridão universal. É Nossa Senhora”

Nossa Senhora da Ressurreição - Casa de Formação Thabor, Caieiras (SP)





Olhando para os céus, em busca de Deus

Quanto mais exploramos o universo, mais fica patente a pequenez e a ignorância do homem. Mesmo após tantos séculos de pesquisa, restam muitos fenômenos que a ciência não sabe explicar.

✚ **Marco Antonio Coelho Rosseto**



A ansiedade domina a sala de controle de operações da NASA. Pela primeira vez o homem está prestes a dar a volta à Lua! Os cálculos baterão com a realidade? A espaçonave terá entrado corretamente na órbita lunar, ou se perdeu irremediavelmente no espaço? A esta altura ela se encontra incomunicável atrás do satélite rochoso, e só após cerca de cinquenta angustiantes minutos os operadores tornarão a ouvir a voz da tripulação.

Por fim, conseguem restabelecer o contato. Para alívio geral, os astronautas estão sãos e salvos.

As emoções do dia, entretanto, ainda não terminaram. No fim daquela véspera de Natal de 1968, William Anders, um dos membros da missão, entrou em contato com a base da NASA em Houston: “Nós nos aproximamos agora do amanhecer lunar e a tripulação da Apollo 8 gostaria de enviar-lhes uma mensagem”. O silêncio reinou na sala.

Instantes depois, os rádios replicavam a voz do astronauta: “No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas

cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1, 1-2). Enquanto transcorria a leitura do primeiro capítulo do Gênesis, várias pessoas na sala de controle não contiveram a emoção. Cientistas e astrônomos mal podiam acreditar no que ouviam.

As missões Apollo continuaram e, no ano seguinte, levariam o homem a pisar na Lua. Um marco seria cravado na História da humanidade, uma enorme meta, atingida.

Esses e outros fatos semelhantes podem suscitar em nós uma indagação razoável: qual é a força responsável por impelir os seres humanos a despende tamanhos esforços? Afinal de contas, somente um milhar de dados



O silêncio reinou na sala e os rádios transmitiram a mensagem do astronauta: “No princípio, Deus criou o céu e a terra...”

Sala de controle de operações da NASA no momento em que os tripulantes da Apollo 8 presenciaram o amanhecer lunar; em destaque, fotografia tirada da espaçonave



Fotos: Reprodução

científicos justificaria o desmensurado trabalho de levar pessoas ao espaço sideral?

Na realidade, parece haver no homem uma dúvida contínua e intrigante que se lhe apresenta a cada vez que ele levanta os olhos para contemplar um céu estrelado...

Questões que acompanham a humanidade

Desde tempos remotos a humanidade discute a origem dos astros, das forças que os movem, das leis a que estão sujeitos.

Na Grécia Antiga, deparamo-nos com uma vastidão de teorias de cunho filosófico que buscavam resposta para essas indagações das formas mais variadas. Aristóteles, célebre pensador do século IV a.C., afirmava que os homens, “progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da Lua e aos do Sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração de todo o universo”.¹ Com os primitivos recursos de que então dispunham os estudiosos, a mitologia acabava sendo, na maior parte dos casos, a solução mais viável para explicar questões tão intrincadas.

Mas os séculos se passaram e a ciência progrediu. Surgiram, em consequência, novas técnicas de observação dos astros. Claro está que os avanços foram lentos: o telescópio, uma das principais formas de coleta de informação astronômica, surgiu apenas em 1609, com Galileu Galilei.² Mesmo se tratando de uma simples luneta, era um passo indispensável.



Os séculos se passaram, a ciência progrediu e a investigação sobre a origem do universo permanece

“Galileu Galilei mostra ao Doge de Veneza como usar o telescópio”, por Giuseppe Bertini - Villa Andrea Ponti, Varese (Itália)

Havia, porém, um grande obstáculo: as dificuldades no arquivamento das informações obtidas a tão duras penas. Galileu e seus contemporâneos registravam suas observações em simples esboços, mas reproduzir em escala exata os resultados de um estudo em distâncias astronômicas nunca foi tarefa fácil. Esse método tão precário perduraria ainda por cerca de dois séculos.

Somente com o surgimento da fotografia é que a Astronomia pôde avançar a passos largos.

Da invenção da fotografia até os dias atuais

Em 1840, o químico americano John William Draper obteve a primeira fotografia bem-sucedida da Lua. Quarenta anos mais tarde seu filho, Henry Draper, registrou uma imagem da Nebulosa de Orion.³ Os estudos espaciais passaram, aos poucos, a apresentar uma precisão surpreendente.

Enquanto a ciência se desenvolvia, novos elementos se assomavam a seu arsenal. A evolução tecnológica permitiu um vertiginoso aperfeiçoamento dos telescópios, a ponto de atualmente ser possível determinar as dimensões, distância, temperatura e composição dos astros, bem como realizar a análise das várias gamas do espectro eletromagnético, ou seja, além da pequena parcela de luz visível aos olhos humanos, também são captadas frequências de ondas de rádio, micro-ondas, radiação infravermelha e ultravioleta, raios-X e raios gama.⁴

Com a aparição de tantos quadros inéditos, no início do século XX uma teoria polêmica a respeito da origem do universo adquiriu argumentos mais fundamentados.

Na origem do universo

Embora seja um assunto tão divulgado quanto debatido, poucos sabem explicar o que realmente afirma a teoria do *Big Bang*.

O termo foi utilizado em sentido pejorativo num programa de rádio da BBC intitulado *The Nature of Things*, por Sir Fred Hoyle, astrônomo britânico opositor dessa teoria, no ano de 1949. Desde então, a alcunha passou a ser usada ao se referir à teoria do universo em expansão.

Essa tese científica procurava explicar o início do universo, ou seja, a aparição, em um momento determinado, de toda a matéria e energia existentes. Ela se foi delineando nas primeiras décadas do século passado, graças a uma série de descobertas, entre elas: a

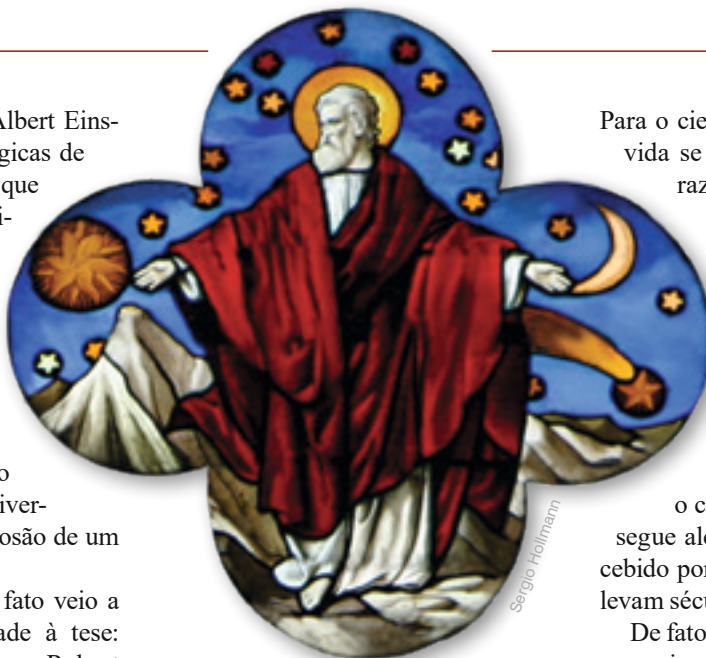
teoria da relatividade de Albert Einstein; as equações cosmológicas de Alexander Friedmann, que aplicam a teoria da relatividade à cosmologia; e a explicação, por Mons. Georges Lemaître, de que a queda do espectro das nebulosas para o vermelho deve-se à expansão do universo. Em 1931, este sacerdote católico foi o primeiro a propor que o universo tivera início com a explosão de um átomo primordial.⁵

No ano de 1965, outro fato veio a conferir maior credibilidade à tese: os cientistas Arno Penzias e Robert Wilson descobriram, acidentalmente, a existência de uma radiação proveniente de todas as direções do céu. Tratava-se da *cosmic microwave background*,⁶ a radiação mais antiga do universo e por ele distribuída com espantosa regularidade.⁷ Ora, essa distribuição universal de uma energia comum é vista como resíduo da radiação emitida numa explosão inicial, a “sobra” da radiação do próprio *Big Bang*.

Há ainda uma série de leis físicas e cálculos matemáticos que corroboram essa teoria, de modo que ela aparece em nossos dias como um paradigma científico no que se refere à origem do universo. Contudo, este permanece um mistério, e sua verdadeira perspectiva continua fora de nosso alcance.

Um mistério divino

Quanto mais exploramos o universo, mais se torna patente nossa pequenez e ignorância. Mesmo após tantos



A ciência pode nos levar muito longe, mas as nossas aspirações só serão saciadas pelo Criador

A criação dos astros -
Catedral de Bayonne, França

séculos de pesquisa e com os incríveis avanços da tecnologia em nossos dias, restam muitos fenômenos que a ciência não sabe explicar. Ela pode nos levar muito longe, mas nossa aspiração ainda pede algo a mais. A verdade é que nunca nos satisfaremos apenas por ir “muito longe”; o que queremos realmente é compreender os princípios e causas primeiras das realidades que nos circundam. No fundo, queremos abraçar o infinito.

Essa dramática realidade foi muito bem expressa pelo cientista Robert Jastrow, fundador e diretor do *Goddard Institute for Space Studies* da NASA: “Atualmente, parece que a ciência nunca será capaz de levantar o véu que cobre o mistério da criação.

Para o cientista que durante toda sua vida se guiou pela fé no poder da razão, esta história termina como um pesadelo”.⁸ Aberto, todavia, à verdade da existência de Deus, o perplexo cientista pode encontrar a resposta adequada às suas indagações: “Ele escalou as montanhas da ignorância e está a ponto de conquistar o cume mais alto; quando consegue alcançar a última rocha, é recebido por um grupo de teólogos que levam séculos sentados ali”.⁹

De fato, a única resposta às dúvidas que pairam em torno dos mistérios da criação se encontra no próprio Criador pois, como recordava Bento XVI, “não são os elementos do cosmo, as leis da matéria que, no fim das contas, governam o mundo e o homem, mas é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o universo [...]. Acima de tudo há uma vontade pessoal, há um Espírito que em Jesus Se revelou como Amor”.¹⁰

Caro leitor, o estudo dos astros é antes de tudo um convite para amarmos com maior intensidade Aquele que tudo dispôs com ordem perfeita e majestosa harmonia. Se, ao contemplar as belezas do universo, soubermos ascender até o Sumo Artífice que as criou, jamais seremos surpreendidos pela repreensão contida no Livro da Sabedoria: “Se eles possuíam luz suficiente para perscrutar a ordem do mundo, como não encontraram mais facilmente Aquele que é seu Senhor?” (13, 9). ✚

¹ ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002, p.11.

² Cf. RECTOR, Travis Arthur; ARCAND, Kimberly; WATZKE, Megan. *Coloring the Universe. An Insider's Look at Making Spectacular Images of*

Space. Fairbanks: University of Alaska, 2015, p.52.

³ Cf. Idem, *ibidem*.

⁴ Cf. Idem, p.148.

⁵ Cf. CABALLERO BAZA, EP, Eduardo Miguel. *La teología dell'interpretare il Big Bang secondo l'approccio del Prof.*

Paul Haffner. Dissertação de Licenciatura em Teologia – Pontificia Università Gregoriana: Roma, 2009, p.37.

⁶ Do inglês: radiação cósmica de fundo em micro-ondas.

⁷ Cf. CABALLERO BAZA, op. cit., p.38-39.

⁸ JASTROW, Robert. *God and the Astronomers*. New York-London: W.W. Norton & Company, 1978, p.116.

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ BENTO XVI. *Spe salvi*, n.5.

...que muitos avanços científicos se devem à Companhia de Jesus?

Intrepídidos missionários, eminentes teólogos e hábeis diplomatas: com a fundação de sua obra Santo Inácio de Loyola concedeu à Igreja um verdadeiro esquadrão de elite, coalhado de Santos! Ademais, a história da Companhia de Jesus está pervadida de notáveis cientistas. Seria por demais extenso nomear a todos eles, assim como seus respectivos aportes nas mais variadas áreas do domínio científico. Citemos, pois, apenas alguns.

No campo da astronomia, destacam-se o Pe. Christopher Clavius (1538-1612), diretor da comissão que elaborou o calendário gregoriano – em voga até nossos dias –, e o Pe. Niccolò Zucchi (1586-1670), a quem se atribui a invenção e construção do primeiro telescópio refletor.

Destacam-se também o Pe. Giovanni Battista Riccioli (1598-1671), primeiro estudioso a determinar o índice de aceleração de um corpo em queda livre, e o Pe. Francesco Maria Grimaldi (1613-1663), precursor de Isaac Newton no estudo da difração da luz, que juntos conseguiram fazer um detalhado mapa do relevo lunar. Salientamos um dado interessante: ao menos trinta e cinco crateras lunares levam o nome de astrônomos e matemáticos jesuítas...

Outros, como os padres Ruđer Bošković (1711-1787) e Athanasius Kircher (1602-1680), embora tenham desempenhado significativo papel como astrônomos, brilharam especialmente em outras disciplinas: o primeiro é conhecido como o criador da física atômica, enquanto o segundo é chamado pai



Reprodução

Jesuítas astrônomo com o Imperador chinês Kangxi - Getty Center, Los Angeles (Estados Unidos)

da egiptologia, devido ao impulso inicial que conferiram a essas ciências. Pela mesma razão a sismologia, ou seja, o estudo dos terremotos e da estrutura interna da Terra, ficou conhecida em certos âmbitos como *ciência jesuítica*. ✦

...que Lourdes tem dono?

Quem visitou a cidade de Lourdes, na França, certamente já teve sua atenção atraída por um castelo medieval que domina toda a região. Contudo, poucos são os conhecedores de sua história e de sua senhora feudal. Tal dama o conquistou de um pagão, chamado Mirat, no início do século IX, mediante a ajuda de um virtuoso Bispo e de um grande imperador.

Carlos Magno estava com seu exército no Condado de Horre. Já havia sitiado várias cidadelas, cujas débeis tentativas de resistência pouco ou nada adiantaram contra seu braço implacável. A única praça que ainda se sustentava mediante um interminável cerco era Mirambel, pois, além de se encontrar em um local estratégico, pertencia a Mirat, guerreiro experimentado e de valor.

O imperador esteve a ponto de levantar o cerco, por julgá-lo inútil, mas o Bispo de Puy-en-Velay interveio,

Dennis G. Jarvis (CC by-sa 2.0)



Château Fort de Lourdes (França)

afirmando que convenceria Mirat a entregar a fortaleza.

Com a anuência de Carlos Magno, o Bispo partiu como embaixador a fim de iniciar as tratativas. Após longas discussões, o duro coração do guerreiro pagão

abrandou-se, e o prelado fez-lhe então a proposta que desde o início desejava apresentar: “Já que não quereis ceder vosso castelo ao imperador, cedei-o a uma Senhora incomparavelmente superior e mais dadivosa, a Rainha do Céu e da terra, Maria Santíssima, Senhora de Puy!”

Mirat, assumido pela graça, concordou e pediu o Batismo, que em pouco tempo realizou-se na catedral de Puy. Na mesma ocasião foi armado cavaleiro e escolheu o nome de Lorus, o que mais tarde legou a denominação de Lourdes ao seu feudo, ou melhor, ao de Nossa Senhora. Daí em diante, até a Revolução Francesa, todos os condes de Horre passaram a pagar anualmente, na mesma catedral, um tributo a Maria Santíssima.

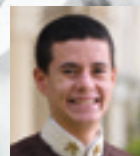
Portanto, quando Nossa Senhora revelou-Se enquanto a Imaculada Conceição, Ela quis fazê-lo num local de que era oficialmente Senhora feudal! ✦



E a ciência se inclinou ante a Fé...

Muitos homens se utilizam da ciência imaginando provar que Deus não existe. O renomado médico Francis Collins, porém, defende a razoabilidade científica de sua fé.

✎ João Paulo de Oliveira Bueno



O universo encerra inúmeros mistérios que inquietam o coração do homem. Desde os maiores astros até os pequenos grãos de areia, tudo contém maravilhas e complexidades tão harmônicas, que não há meio de nos esquivarmos das perguntas: “Como é possível que isso exista dessa forma? Há uma mente por detrás de tamanha ordem?” O desejo de conhecer a verdade leva-nos, então, a nos debruçarmos sobre os enigmas que cada parte do mundo esconde.

Entretanto, muitos estudiosos há que se utilizam de seus conhecimentos para tentar negar a existência do Criador e que buscam desvendar tais mistérios unicamente por meio de causas segundas, fazendo o possível para evitar a conclusão última e definitiva: na origem de tudo está Deus.

Mas felizmente eles não representam a totalidade dos cientistas. Entre os que fogem à regra destaca-se Francis Collins, grande expoente na bioquímica e diretor da comissão de estudos internacional *Projeto Genoma Humano*. Ele não se contenta em ter fé, mas se empenha em proclamá-la a plenos pulmões. É autor de obras que buscam fundamentar o Cristianismo em dados alcançados por seus estudos e sua experiência pessoal.

Alguns talvez pensarão que se trata de mais um católico que, tornando-se

cientista, se utilizou de seus conhecimentos para alicerçar a crença; porém, isso está longe de ser sua história.

Origens alheias à Fé

Francis Collins nasceu no ano de 1950 e teve uma infância não muito diferente da de qualquer jovem norte-americano de sua época.

Nasceu e cresceu em uma fazenda da Virgínia, num ambiente alheio à religião. Desde sua primeira juventude manifestou fascínio pelas ciências. Encantava-o poder conhecer os átomos e moléculas que constituem os seres e não tinha outro desígnio para a sua vida, senão dedicá-la ao estudo do universo através da Química. Mas a Providência Divina lhe designava um papel muito superior ao que ele era capaz de imaginar.

Aos dezesseis anos ingressou na Universidade da Virgínia para estudar sua matéria predileta e seguir a carreira científica. Como jovem calouro, entusiasmava-se com as questões candentes que ricocheteavam entre os alunos, as quais, naturalmente, convergiam também para o problema da existência de Deus. Tendo uma espiritualidade muito apoucada, foi arrastado com facilidade pelos argumentos de colegas ateus.

Nesse momento de sua vida ele se convenceu de que, embora as religiões

houvessem desempenhado um papel muito importante na formação das culturas, elas não sustentavam uma verdade com fundamento. Por esta razão, passou a declarar-se agnóstico, termo usado para indicar alguém que simplesmente não sabe se Deus existe ou não.

Assim foram-se constituindo, em sua mente, uma série de preconceitos a respeito do Cristianismo.

Do agnosticismo ao ateísmo

Depois de formado em Química, doutorou-se em Físico-Química na Universidade de Yale, com apenas vinte e dois anos de idade. Francis Collins via-se cada vez mais convencido de que o universo podia ser explicado unicamente por meio de equações e princípios físicos. Assim, paulatinamente ia deixando sua posição de agnóstico para enveredar pelas vias do ateísmo convicto: “Sentia-me bastante à vontade desafiando as crenças espirituais de qualquer um que as mencionasse em minha presença, e definia esses pontos de vista como sentimentalismos e superstições fora de moda”.¹

Contudo, sua posição militante em face da religião não era simplesmente fruto de raciocínios. Collins confessa que o ateísmo, no fundo, era resultado de uma justificação para seus atos morais, atitude que depois qualificou como “cegueira voluntária”. A crença

em Deus exigia-lhe uma mudança de costumes que ele não estava disposto a acatar.

Após o curso de doutorado, Francis percebeu que seus estudos e teses a respeito da termodinâmica – área que, em sua visualização, já não comportava novos avanços significativos – o induziriam a trilhar uma via que ele repugnava: a de um professor universitário dedicado unicamente a fazer palestras para alunos entediados. Esse temor o levou a se inscrever num curso de Bioquímica, campo com mais possibilidade de desenvolvimento.

O sofrimento lhe abre os olhos

Pouco antes de concluir seu doutorado, fez uma solicitação para ser admitido na Faculdade de Medicina da Carolina do Norte.

No terceiro ano de estudo, teve a oportunidade de entrar em contato com a realidade de um hospital e adquirir experiências intensas no convívio com pacientes. Ali se deu o primeiro passo rumo a uma reviravolta em sua vida.

Quando os enfermos se deparavam com o sofrimento e com a iminência da morte, muitas vezes desaparecia aquela reserva que normalmente impede pessoas desconhecidas de intercambiarem sentimentos íntimos. Os alunos de Medicina acabavam por tornar-se os confidentes mais assíduos – ou mesmo fiéis amigos – dos doentes e moribundos, que já não tinham por que esconder seus pensamentos a respeito da vida.

O jovem estagiário Francis Collins espantava-se ao ver a espiritualidade da maioria dos enfermos. Presenciava momentos em que a fé lhes proporcionava uma serenidade definitiva, apesar dos sofrimentos, e estranhava o fato de nenhum de seus pacientes se revoltar contra Deus nem exigir de seus familiares que cessassem toda aquela “conversa” sobre o poder sobrenatural e a benevolência divina. Tais constatações o levavam

a concluir que, se a fé não passava de uma muleta psicológica, deveria ser ao menos bastante poderosa.

Era o primeiro passo para a conversão definitiva.

Um cientista que não leva em conta os dados?

Pensamentos desse gênero começaram a dominar sua mente, deixando-o embaraçado. Essa confusão chegou ao auge quando ele tomou contato com uma senhora idosa que padecia dores agudas e sem perspectiva de alívio. Esta lhe indagou em que ele acreditava. Collins sentiu-se ruborizar ante a pergunta e gaguejou, acanhado: “Não sei bem ao certo”.

Aqueles breves segundos de conversa atormentaram-no durante vários dias. Deu-se conta de que jamais ponderara seriamente uma evidência contra e a favor de uma crença: “Eu não me considerava um cientista? Um cientista tira conclusões sem levar em conta os dados?”²²



**“Eu não me considerava um cientista?
Um cientista tira conclusões sem
levar em conta os dados?”**

Dr. Francis Collins; na página anterior,
Prof. Garnham em um laboratório

De repente, todos os seus argumentos para a negação da existência de Deus pareciam demasiado fracos ante as convicções religiosas de uma senhora que provavelmente nunca havia estudado sua crença com profundidade, mas que possuía o principal: a fé.

Francis Collins não tinha, a partir de então, outro interesse a não ser analisar os diversos credos e buscar o que possuísse maior razoabilidade. Começou a ler pequenos resumos sobre toda espécie de religiões, mas nenhuma delas lhe parecia coerente.

Em busca da razoabilidade da Fé

Collins não encontrou melhor forma de sanar essa dificuldade do que aconselhar-se com um pastor protestante que residia numa casa vizinha à sua. Apresentou-lhe sua situação e perguntou se havia alguma razoabilidade na crença cristã. Seu interlocutor tomou um livro de sua biblioteca particular e entregou-lhe, recomendando a leitura.

Era a obra *Mere Christianity*, de C. S. Lewis, catedrático de Oxford, dedicada à apresentação de argumentos muito convincentes a favor do Cristianismo. É curioso notar que, apesar de ter sido escrito por um anglicano, o livro acabou conduzindo Francis Collins para o seio da Igreja Católica. Definitivamente, Deus escreve certo por linhas tortas...

Mere Christianity chamou muito a atenção de Collins pelo argumento referente à lei moral. Com efeito, Lewis afirma – em inteiro acordo com a doutrina católica – que ela se encontra inscrita na alma da totalidade dos homens.

Essa lei é evocada de maneiras diversas, todos os dias, sem que aquele que o faz se detenha para analisar as bases de seu argumento. Desde uma criança que declara “não ser justo” distribuir diferentes quantidades de sorvete numa festa de aniversário, até dois médicos que discutem sobre a licitude de se realizar pesquisas com células-tronco embrionárias, um a

elas se opondo, por violarem a santidade da vida humana, e outro as defendendo, pois o potencial para aliviar o sofrimento humano constitui uma justificativa razoável para isso, todos eles terão de recorrer a um padrão de conduta, ainda que implicitamente. Esse padrão é a lei moral, que pode também ser chamada “a lei do comportamento correto”, e trata-se de saber se determinada ação se aproxima ou se afasta das exigências de tal lei.

Alguém poderia objetar que essa ética é fruto de certas tradições culturais. Lewis, porém, mostra como afirmá-lo seria uma “retumbante mentira. Se um homem for a uma biblioteca e passar alguns dias estudando a Enciclopédia de Religião e Ética, logo perceberá a imensa unanimidade da razão prática no ser humano. Desde o hino babilônico a Samos, as leis da Manu, o *Livro dos Mortos*, os análectos de Confúcio, os estoicos e os platônicos, até os aborígenes australianos e peles-vermelhas dos Estados Unidos, ele fará um apanhado das mesmas denúncias triunfantemente monótonas de opressão, assassinato, traição e falsidade; as mesmas obrigações de gentilezas aos idosos, aos jovens e aos mais fracos, sobre a doação de esmolas e a imparcialidade e a honestidade”.³

A caridade: como explicá-la?

Entretanto, a lei moral possui também uma outra dimensão que deixou Francis Collins deslumbrado: o altruísmo, a generosidade que desponta na alma humana ao confrontar-se com uma situação que exige dar auxílio ao próximo, estando disposta a se sacrificar unicamente para benefício de outrem. É o chamado ágape, que não busca retribuição.

Lewis defende, com sólidos argumentos, que o altruísmo representa um



Collins aderiu à Fé Católica, pois o Deus dos cristãos era o que mais personificava as razões que ele encontrou para crer em uma divindade

Sagrado Coração de Jesus - Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Caieiras (SP)

grande desafio para os ateus evolucionistas, pois eles não conseguiram até hoje explicar como esse impulso pode ter surgido no ser humano por via exclusivamente natural evolutiva. Não há, em nenhum ser irracional, paralelo convincente com o ágape.

Ora, se a lei natural não provém nem das condições culturais, nem da evolução, como se explica? Responde Lewis:

“Se houve um poder controlador fora do universo, este não poderia apresentar-se a nós como um dos fatos que fazem parte do universo – assim como o arquiteto de uma casa não é, com efeito, uma das paredes, ou a escada, ou a lareira dessa casa. A única maneira pela qual podemos esperar que ele se mostre é dentro de nós, como uma influência ou um comando tentando fazer com que nos comportemos de determinado modo. E é isso que encontramos dentro de nós. Sem dúvida, isso não deveria levantar suspeitas?”⁴

O ateísmo já não fazia sentido

O então jovem médico de vinte e seis anos ficou completamente atônito com a razoabilidade que a Fé lhe oferecia, e como essas realidades são obnubiladas pela vivência do mundo contemporâneo.

A lei moral refletia os raios esplendorosos do Criador e lhe exigia uma série de considerações a respeito de Deus. O agnosticismo, que outrora lhe parecia um paraíso seguro, revelava-se uma indubitável escusa do mau procedimento.

Após um longo processo de conversão, no qual ainda outras objeções foram sendo derrubadas, Francis Collins terminou aderindo à Religião Católica, pois percebeu que o Deus dos cristãos era o que mais personificava as razões que ele encontrou para crer em uma divindade.

Uma esperança para outros

O relato da conversão de alguém que ainda vive, e que dedicou sua existência ao estudo do DNA humano, constitui mais uma prova do quanto a religião não se limita a uma crença à qual se adere porque os pais nos ensinaram, mas um fato razoável até do ponto de vista científico.

O nome de Francis Collins é uma esperança de conversão para os homens cuja “fé” em preconceitos contra a religião é a maior barreira para acreditar em Deus. ✦

¹ COLLINS, Francis. *The Language of God. A Scientist Presents Evidence for Belief*. New York: Free Press, 2007, p.16.

² Idem, p.20.

³ LEWIS, Clive Staple. *Christian Reflections*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1967, p.95-96.

⁴ LEWIS, Clive Staple. *Mere Christianity*. New York: HarperCollins, [s.d.], p.24 [e-book].



Uma insensatez na qual nem os demônios acreditam

Na Antiguidade clássica apenas uns poucos filósofos – um deles chamado Diágoras, nascido em Melos, e outro Teodoro, conhecido como o Ateu – declararam-se ateus, e os que o fizeram nunca granjearam a adesão de seus coetâneos. Somente com a acentuada decadência moral e religiosa da humanidade entre os séculos XVII e XVIII é que o ateísmo ganhou numerosos aderentes.

Efetivamente, um significativo marco histórico se verificou com o Iluminismo, cujos adeptos, sendo uns ateus, outros agnósticos e na maioria deístas, endeusaram a razão em detrimento dos dogmas da Fé Católica. A propagação dessas ideias preparou o campo para, no século XIX, irromper o chamado socialismo científico. Seus teóricos – Marx, Engels e Feuerbach, ostensivamente ateus – influenciaram profundamente os acontecimentos religiosos, políticos, sociais e econômicos do século XX.

Seguiram a mesma trilha, em um novo marco histórico, os ideólogos do movimento anarquista da Sorbonne de 1968, Herbert Marcuse, Jean Paul Sartre e Louis Althusser, para mencionar apenas alguns. Neste século XXI, delinear um elenco dos filósofos e pensadores ateus estenderia desnecessariamente o presente artigo...

Contudo, onde encontrar uma solução para desentranhar o cerne dessa problemática? Qual a causa fundamental do erro dos ideólogos ateus?

O pensamento perene de São Tomás nos oferece uma resposta luminosa a essas questões. Com efeito, nós, seres humanos, somos incapazes de ver a Deus diretamente; portanto, sua existência não nos é algo evidente. Contudo, a partir da observação do mundo e da vida cotidiana, e por meio de raciocínios e deduções lógicas, o Doutor Angélico demonstrou a existência de Deus sem utilizar os recursos da fé e da Teologia (cf. *Suma Teológica*. I, q.2, a.3). Assim, servindo-se do simples intelecto humano, alcançou uma compreensão elevadíssima do Criador.

Nessa perspectiva, em que a virtude da fé não é uma condição obrigatória para acreditar na existência de Deus, causa surpresa uma questão discutida pelo Aquinate: os demônios têm fé (cf. II-II, q.5, a.2)?

São Tomás resolve a questão citando a Escritura: “Os demônios creem

e estremecem” (Tg 2, 19). Consciente de que essa sentença poderia suscitar perplexidades, ele a esclarece. “Crer é um ato do intelecto, enquanto movido pela vontade para assentir” (II-II, q.4, a.2), e a dita fé dos demônios não corresponde a uma “ordenação da vontade para o bem” pela qual “crer é um ato louvável” (II-II, q.5, a.2), como acontece nos fiéis de Cristo. Pelo contrário, nos demônios trata-se de uma fé “de certo modo forçada” (II-II, q.5, a.2, ad 1), pois eles reconhecem a existência de Deus por causa da evidência dos sinais que percebem.

Mais ainda: essa percepção, aguçada pela perspicácia do seu intelecto natural, não dá ocasião aos demônios a negar os mencionados sinais, fato que os desagrada profundamente (cf. II-II, q.5, a.2, ad 2-3). Em consequência, os anjos decaídos nunca foram e jamais serão ateus. Sua altíssima inteligência não lhes permite cair em tal deturpação mental, em tal engano, em tal idiotice. Eis o erro no qual incorrem os ateus.

Com razão assevera a Escritura: “Os néscios perecem por falta de inteligência” (Pr 10, 21), “mas o homem inteligente segue o caminho reto” (Pr 15, 21). ✚

A existência de Deus é evidente até para os demônios, anjos decaídos, mas de altíssima inteligência. No erro de negá-la, porém, incorrem numerosos ateus...

À esquerda Marx, Engels e Sartre; à direita, detalhe do afresco de Andrea di Bonaiuto - Basílica de Santa Maria Novella, Florença (Itália)



Gustavo Kralj

Um amigo da Cruz

Beato incomum tanto para a nossa época quanto para a dele, esse dominicano alemão suportou terríveis dores físicas e morais, amenizadas apenas por especiais graças do Céu.

✠ Ir. Adriana María Sánchez García



Com divina pedagogia costuma o Senhor suscitar exemplos de virtude que quase diríamos extremos, a fim de, pela existência de um modelo *éclatant*, moderar nos homens as paixões desordenadas que se lhe opõem e encorajá-los a encetar uma via que de outra forma jamais abraçariam. Assim se deu, por exemplo, com o *Poverello* de Assis, cujo radical desponsório com a Dama Pobreza inspirou incontáveis almas ao longo dos séculos a usar com comedimento os bens deste mundo e a desejar os do Céu.

Por esse prisma convido o leitor a considerar também a vida do Beato Henrique Suso. Enquanto muitos empregam todos os seus esforços para fugir da dor, este dominicano alemão parecia correr atrás dela, sempre sedento de sofrer mais por amor a Nosso Senhor Jesus Cristo. Ademais, certas desgraças que não aconteceriam ao comum dos homens pareciam persegui-lo, tornando sua existência uma seguidilha de aparentes contradições, serenamente aceitas.

A recordação de sua vida poderá causar espanto e até estranheza em nossos dias, tão avessos a qualquer padecimento, mas não deixará de ser um salutar convite a enfrentarmos com

alegria e coragem as dificuldades do dia a dia, como fiéis discípulos do Divino Crucificado.

Nos albores da vida, a escolha pela penitência

Nascido por volta do ano de 1295 às margens do Lago de Constança, na fronteira entre Alemanha e Suíça, Henrique Suso mostrar-se-ia uma pessoa incomum já no seio de sua própria família. Filho do Conde von Berg, tomou, entretanto, o nome de sua mãe: Seuss.¹

De sua infância se conhece pouco ou quase nada. Sabe-se, isto sim, que seu pai desejara fazer dele um soldado, mas, ao constatar que sua inclinação não era para as armas deste mundo, enviou-o ao mosteiro dominicano de Constança quando contava apenas treze anos. O jovem desfrutou ali de uma vida despreocupada até os seus dezoito anos, idade a partir da qual uma graça o impulsionaria a tomar outro rumo.

Estando um dia sentado na capela do mosteiro, percebeu o quanto tivera até então uma conduta leviana, pouco inclinada à observância religiosa, e decidiu encetar a via da penitência em reparação por suas faltas.

Essa resolução o acompanharia ao longo de toda a vida, nas diver-

sas atividades que exerceu: estudante em Colônia e discípulo de Mestre Eckhart; professor, prior e fecundo escritor de obras espirituais; pregador e diretor de almas.

Voluntárias mortificações corporais

Inúmeros foram os meios empregados pelos Santos no decorrer dos séculos para se mortificarem, seja em reparação dos pecados próprios ou alheios, seja por puro amor a Nosso Senhor Jesus Cristo. No caso de Henrique Suso, compreendeu ele que só alcança o Céu quem oscula, abraça e carrega a sua cruz com amor, e quis fazer isto ao pé da letra.

Fabricou para si uma cruz de madeira, com trinta pregos e sete agulhas, e amarrou-a em suas costas, portando-a dia e noite, de forma que os pregos perfuravam sua carne sem nunca o deixarem livre de dor.

Ele quase não bebia água, regulando com um copinho que fabricara para si a medida exata que se permitia ingerir durante o dia. Às vezes sentia tanta sede que, durante a aspersão da água benta, abria os lábios desejando que alguma gota refrescasse sua língua seca, mas nem isso lhe era concedido. Tudo oferecia para aliviar Nosso

Senhor no alto da Cruz, que tivera por refrigério somente vinagre e fel.

Essa penitência voluntária chegava a lhe arrancar lágrimas, por sentir que não conseguiria manter o sacrifício que Deus lhe inspirara. Para consolá-lo – isto é, para dar forças a fim de suportar a dor – Nossa Senhora lhe apareceu com o Menino Jesus, o qual segurava um pequeno cálice cheio de água fresca. Deu-o então a Henrique para beber, e sua sede se saciou.

Sua cama era uma porta velha sobre a qual colocara um tapete feito de junco que lhe chegava apenas até os joelhos, e não se cobria com nada. Usava uma camisa áspera por debaixo da roupa e fazia outras tantas mortificações à noite, numerosas demais para serem elencadas aqui. Qualquer movimento durante as horas de sono lhe era um incômodo tremendo, pois também amarrava as suas mãos para não poder nem sequer espantar os mosquitos.

O seu maior sofrimento, no entanto, seria não encontrar quem partilhasse do mesmo ideal, levando-o a procurar cada vez mais o seu refúgio no sobrenatural.

Fortificado por intensas graças místicas

A Providência, no entanto, não tardou em fazer o ardoroso religioso sentir toda a sua predileção, enviando-lhe abundantes graças místicas. A primeira que ele relata consistiu num êxtase em que experimentou as delícias do amor de Deus, depois do qual parecia outro homem.

Em certa ocasião viu o seu Anjo da Guarda, o abraçou e rogou-lhe que nunca o abandonasse. O celeste protetor lhe respondeu que Deus de tal forma Se unira a ele que jamais o deixaria. As almas do Purgatório – inclusive seu próprio pai –, assim como os Santos do Céu, entre os quais a sua mãe, lhe apareciam amiúde, descrevendo ora os tormentos das chamas purificadoras, ora as alegrias da eternidade. Também teve várias revelações a

respeito do futuro, que infelizmente não foram registradas.

Certa vez, num roubo de amor Henrique traçou no peito, com um estilete, o doce Nome de Jesus, o qual permaneceu gravado ali indelevelmente. Passado algum tempo uma pequena cruz dourada, como que cravada de pedras preciosas, apareceu sobre seu coração. Dela também emanava o Santíssimo Nome do Salvador, em meio a intensíssima luz.

O auge de tais graças, entretanto, deu-se a propósito de seu desponsório



Beato Henrique Suso - Igreja de São Paulo, Valladolid (Espanha)

O seu maior sofrimento seria não encontrar quem partilhasse do mesmo ideal, levando-o a procurar cada vez mais o seu refúgio no sobrenatural

com a Sabedoria Eterna, apresentada nas Escrituras como uma bela donzela. Ao ouvir a leitura dos Livros Sapienciais, Henrique sentia-se arrebatado de amor e compreendeu que devia entregar-se à Sabedoria por inteiro, como seu servo. Tendo rogado a ventura de vê-La, Ela lhe apareceu entre nuvens, brilhando como a estrela da manhã e radiante como a aurora, e disse-lhe com doçura: “Dá-Me teu coração, meu filho!” (cf. Pr 23, 26).

Quase no final da vida, Henrique teve uma visão na qual, estando circundado de Anjos, perguntou a um deles como se dava a inabitação de Deus em sua alma. O espírito celeste disse-lhe que olhasse para si mesmo, e o Beato viu seu coração como que através de um límpido cristal; nele Se encontrava a Sabedoria Eterna, tendo ao lado sua própria alma, envolvida nos braços de Deus.

Armado cavaleiro para afrontar os sofrimentos interiores

Após dezesseis anos de terríveis penitências corporais, outro Anjo lhe apareceu sob a forma de um jovem, afirmando que uma fase de sua vida havia-se encerrado.

Passado algum tempo o mesmo espírito celeste retornou, trazendo consigo uma armadura de cavaleiro. Disse que só naquele momento Henrique começaria seu combate espiritual; tudo o que sofrera não era nada em comparação com o que viria. Lutara apenas como um soldado raso, mas Deus queria armá-lo cavaleiro. Abismado, ele pediu para saber quantos padecimentos o aguardavam, e o Anjo respondeu-lhe: “Se podes contar estas estrelas sem conta, poderás também alcançar o número das tribulações que te estão reservadas”.

Rogou então para conhecer em que consistiriam tais sofrimentos, sendo-lhe revelados apenas três: perderia sua boa fama e reputação, o que lhe doeria muito mais do que as penitências corporais que se infligia; não encontraria

amizade nem fidelidade da parte de quem sempre as tivera, e aqueles que lhe fossem leais padeceriam juntamente com ele; não mais seria consolado nem por Deus nem pelos homens, e qualquer tentativa de obter algum deleite para si resultaria frustrada.

Sentindo que não teria forças, Henrique prostrou-se por terra, angustiado, mas suplicando que a divina vontade se cumprisse nele. Por meio de uma voz interior o Senhor lhe assegurou que estaria sempre ao seu lado, auxiliando-o a passar por todas as tribulações. Na manhã seguinte, ao olhar pela janela, viu um cachorro despedaçando um tecido, e Deus lhe fez entender que assim devia estar ele nas mãos dos demais, sofrendo tudo em silêncio, sem jamais reclamar. O religioso recolheu o tecido e guardou-o consigo, como lembrança daquele fato.

Na festa de Nossa Senhora da Candelária, o Menino Jesus lhe apareceu, afirmando que desejava ensinar-lhe a impostação que deveria conservar durante seus padecimentos, lição que, sem dúvida, pode ser útil a qualquer cristão: não pensar em quando acabaria o sofrimento, mas estar pronto para aceitar com alegria o próximo que certamente viria.

Vendaval de perseguições e calúnias

Em suas viagens pela Europa, incontáveis desgraças o acometeram, cumprindo-se à risca o que lhe fora revelado pelo Anjo. Com Henrique Suso, parecia acontecer tudo o que não acontece a ninguém, até o mais absurdo e inimaginável...

Chegando à igreja de uma cidade, ajoelhou-se diante de um piedoso crucifixo, rezou e depois se retirou. Na mesma noite houve um assalto naquele templo, sendo roubadas todas as velas e figuras de cera oferecidas pelos fiéis com seus pedidos. Ora, uma me-

nina de sete anos o vira em oração ali e o acusou do roubo, razão pela qual Henrique teve de fugir às pressas, sob pena de ser morto.

Numa viagem aos Países Baixos, motivada pela convocação para participar de um capítulo dos dominicanos, dois membros de sua própria Ordem vieram ao seu encontro acusando-o de ter escrito livros contendo doutrinas heréticas, que haviam contaminado todo o país. Conduziram-no, pois, ao tribunal, onde ele foi repreendido com

dureza e ameaçado de ser castigado severamente caso não se emendasse de seus erros. Durante o retorno ao seu mosteiro, sobreveio-lhe uma terrível enfermidade que o prostrou na cama com febre, quase o levando à morte.

De tal forma a perseguição era uma constante em sua vida que, tendo-se passado quatro semanas sem ser atacado, assombrou-se ante o fato. Comentou estar tão convencido de que Deus visita seus amigos com a provação que, vendo-se livre de dificuldades, temia que o Senhor tivesse Se esquecido dele. Não havia terminado de falar quando se apresentou um irmão dominicano avisando que o senhor de um castelo próximo o procurava por todos os mosteiros a fim de matá-lo, sob a acusação de lhe haver roubado a filha, a qual decidira abraçar a vida religiosa. Outro homem o incriminava de ter desviado a sua esposa, pois esta agora se tornara mais recatada, e Henrique devia pagar por isso. Alegando-se por constatar que Deus não Se esquecera dele, fugiu imediatamente.

Havia, em certo povoado, uma mulher malévola que aparentava arrependimento de suas faltas e se confessava com Henrique. Entretanto, vendo que ela não se emendava e levava uma vida de pecado, ele decidiu não mais atendê-la. A mulher, furiosa, querendo ferir quem apenas lhe havia feito o bem, acusou-o de ser o pai do filho que ela tivera fora do casamento. A escandalosa mentira se espalhou mais do que sua fama de santidade, chegando até o superior da Ordem dos Pregadores da província alemã. Muitos, inclusive os mais próximos, deram crédito à calúnia, maltratando-o. Após um longo período de sofrimentos e terríveis angústias, temendo o pior, sua inocência foi reconhecida e a mulher que tramara contra ele morreu subitamente.



Beato Henrique Suso - Xilogravura da Biblioteca Nacional e Universitária de Estrasburgo (França)

*Incomparavelmente
mais duros do que as
penitências corporais
que ele mesmo se
infligia, seriam os
sofrimentos morais que
lhe estavam reservados*

*Muitas vezes
Henrique se sentia
fraco e incapaz, mas
com o próprio Nosso
Senhor Jesus Cristo
aprendeu que as forças
lhe viriam do Alto*

Salvo da morte por sua virtude

Esta, porém, não foi a última vez que ele escapou da morte. Durante uma viagem, seu companheiro – jovem e de passo ligeiro – adiantou-se na estrada, deixando-o só. Antes de entrar numa floresta que devia atravessar, de repente Henrique se deparou com uma moça acompanhada de um homem alto, de aparência aterradora, que portava uma lança e uma faca. Ante tal cena, o religioso fez o sinal da cruz e, tremendo, arriscou-se a avançar, com o supradito casal atrás dele.

Em determinado momento, no meio da densa floresta, a moça aproximou-se dele e pediu para ser atendida em Confissão. Ele acedeu, e a jovem então lhe narrou sua triste sorte: o homem que a acompanhava era um assassino, que roubava e matava a todos os que encontrava, e ela fora obrigada a tornar-se sua esposa. Mais apavorado ainda, por ver seus receios confirmados, o Beato deu-lhe a absolvição e os três prosseguiram o tenebroso trajeto.

A certa altura, o próprio assassino se aproximou de Henrique, pedindo para também ser atendido em Confissão. Seu coração bateu mais forte e, achando-se perdido, mas não podendo negar o Sacramento, ele começou a ouvi-lo. O relato era espantoso. O malfeitor narrou os inúmeros crimes que cometera e, com luxo de detalhes, descreveu um em concreto: “Vim uma vez a este bosque para roubar e matar, como o fiz hoje, e, encontrando um venerável sa-



Fotos: Reprodução

À esquerda, Henrique Suso em diálogo com Cristo na Cruz;
à direita, o Beato atormentado por diversos padecimentos - Manuscrito da
Biblioteca Nacional e Universitária de Estrasburgo (França)

cerdote, confessei-me com ele enquanto andávamos neste exato local. Quando terminou a Confissão, tirei esta faca e o perfurei com ela, atirando depois o corpo no Reno”. Aterrorizado, por perceber que a mesma sorte o esperava, o religioso se sentiu desfalecer.

Ao vê-lo empalidecer e a ponto de desmaiar, a moça correu para junto dele e exclamou: “Não tenha medo, ele não lhe matará!” O assassino então acrescentou: “Ouvi muitas coisas boas a seu respeito, e você terá sua recompensa hoje, pois o deixarei viver. Rogue a Deus para que, por sua causa, Ele ajude e favoreça a mim, pobre criminoso, na minha última hora”.

O exemplo de um amigo da Cruz

Os fatos a narrar seriam inúmeros, mas toda a vida de Henrique Suso poder-se-ia resumir em poucas palavras: amigo da Cruz. Se não estava sendo perseguido, era atribulado por enfermidades; e quando se sentia em perfeita saúde, alguma outra desgraça o acometia, jamais vendo-se livre da dor. Muitas vezes se sentia fraco e incapaz, mas com o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo aprendeu que as forças lhe viriam do Alto.

Apesar de tantos padecimentos e peripécias que quase o levaram à morte, Henrique atingiu uma idade venerável e faleceu em 25 de janeiro de 1366, na cidade de Ulm, onde havia passado seus últimos dezoito anos de vida. Transcorridos mais de dois séculos, seu corpo permanecia incorrupto e exalava um doce perfume. Entretanto, anos depois as relíquias desapareceram completamente.

Peçamos, pois, ao Beato Henrique Suso que faça de nós outros amantes da Cruz. Não precisamos, para tal, fabricar um madeiro para nós e amarrá-lo aos ombros, mas apenas levar serenamente – e com alegria! – as cruzes que Deus nos envia a cada dia, confiando que, se assim procedermos, teremos um dia a nossa recompensa no Céu. ✚

¹ Os dados biográficos contidos no presente artigo foram tomados das obras: BEATO HENRIQUE SUSO. *The Life of Blessed Henry Suso by Himself*. London: Methuen and Company, 1913; DORCY, OP, Mary Jean. *St. Dominic's Family. Lives of over 300 Famous Dominicans*. Rockford: TAN, 1983.



Mãe e protetora sempre solícita

O amparo durante uma grave enfermidade, o auxílio a dois pescadores em apuro e a solução para intrincados problemas familiares demonstram como Dona Lucilia sempre atende os que a ela recorrem, tanto nas grandes quanto nas pequenas dificuldades.



✎ **Elizabete Fátima Talarico Astorino**

Narram as Sagradas Escrituras que, perseguido pela ímpia Jezabel, Elias fugiu para o cume do Horeb, a montanha de Deus, onde passou a noite numa gruta. Ali a palavra divina lhe foi dirigida: “Sai e conserva-te em cima do monte na presença do Senhor: Ele vai passar” (I Rs 19, 11). O Todo-Poderoso, porém, manifestou-Se no “murmúrio de uma leve brisa” (I Rs 19, 12), e não no fragor de um vento impetuoso, nem de um terremoto ou de um fogo devorador.

Não é verdade que precisamos também nós ter delicadeza de alma para perceber a voz de Deus que nos fala, ou o socorro que Ele nos envia do Alto por meio de oportunas

intervensões, sutis auxílios, pequenas consolações?

A esse propósito, oferecemos aos nossos leitores três relatos nos quais a eficaz ação celeste se manifesta suavemente, pela intervenção de Dona Lucilia. Que estes exemplos nos ajudem a crescer na confiança em Deus, o qual não desampara aqueles que recorrem à intercessão desta bondosa mãe.

Um pedido prontamente atendido

Da. Thainara Adão, de Joinville (SC), envia-nos um comovente relato sobre a proteção de Dona Lucilia, que a amparou numa fase de sua vida assinalada por grandes sofrimentos e apreensões.

Em 2022, desejosa de ser mãe e muito entristecida após alguns meses de insucessos, Da. Thainara pediu essa graça a Nossa Senhora, por intermédio de Dona Lucilia: “Lembrei-me da história de Dona Lucilia, de como ela foi um exemplo de mãe, de virtude e de amor a Deus. Então, com a fotografia dela nas mãos, pedi que, se eu pudesse ser ainda que só um pouco da mãe excepcional que ela foi, que ela intercedesse por mim e me obtivesse a graça de ter um bebê. Depois dessa oração me senti em paz, como se toda a angústia houvesse passado”.

Transcorrido apenas um mês, a prece de Da. Thainara foi atendida: “Ali no meu ventre estava o meu bebê, a resposta às minhas orações e, principalmente, uma mostra do amor puro e genuíno que Dona Lucilia tem por mim. Tive uma gravidez de risco, meu bebê nasceu com baixo peso, com dificuldade para respirar e coração acelerado, mas a todo momento eu



Da. Thainara com sua filha, no hospital

“Tive a certeza de que não ia sobreviver. Eu estava me despedindo mesmo, sem estar realmente pronta para não ver o crescimento da minha filha”

via uma luz nos iluminando, sabia que minha filha era uma promessa e que tudo ficaria bem”. De fato, sua filhinha, Maria Clara, superou com êxito essas tribulações iniciais, crescendo sã e forte.

Entretanto, a maternal solicitude de Dona Lucilia ainda se manifestaria em outro sentido e outra provação, com outros objetivos.

“Ela é a minha protetora”

Em novembro de 2023, nas vésperas de retornar ao trabalho após a licença-maternidade, Da. Thainara passou mal: “Às duas e meia da manhã acordei com forte dor de cabeça, como nunca havia sentido, que me causava muita confusão mental. Levantei-me para pegar um remédio e já não sentia mais o meu corpo. Minha coluna doía, tinha perdido os movimentos. Tive vômitos constantes, minha visão escureceu e parecia que algo estava correndo pelas minhas costas”.

Ela foi conduzida sem demora ao hospital e os médicos constataram que tivera um AVC hemorrágico causado por um tumor neurológico. Sem compreender a gravidade da própria situação, ela soube que seria transferida para a UTI, onde passou alguns dias na semiconsciência, à espera de um diagnóstico completo.

Desse período recorda-se apenas do momento em que recebeu de um padre arauto o conforto dos Sacramentos: “Ali tive a certeza de que não ia sobreviver. Conversamos um pouco. Eu estava me despedindo mesmo, sem estar realmente pronta para não ver o crescimento da minha filha. Lembre-me também de ter perguntado ao sacerdote por que estava acontecendo aquilo comigo”.

Em meio à provação física e espiritual que atravessava, sem forças para enfrentar a iminência da morte e relutando em aceitar o que parecia ser a vontade de Deus, Da. Thainara recebeu, num pequeno episódio, um lampejo de esperança: “Depois de

algumas horas, uma enfermeira que coletava os exames me perguntou quem era a senhora da fotografia que estava perto do aparelho hospitalar. Eu não conseguia vê-la. Ela me mostrou e, sem saber como aquela fotografia tinha ido parar ali, respondi: ‘Esta é Dona Lucilia, ela é a minha protetora’. Mesmo sem conhecer tão bem a sua história, confiei então que eu teria uma chance e que não era o meu momento de partir”.

Experiência dura, mas benéfica

Passavam-se os dias de internação na UTI, as dores de cabeça e no corpo aumentavam, Da. Thainara precisava de auxílio para tudo, até para os movimentos mais simples. Diante de tantas dificuldades, começou a perder novamente a confiança. Contudo, um peculiar sonho veio a levantar seu ânimo. Ela se via no hospital, mas ao mesmo tempo voando num céu lilás, com a sensação de muito bem-estar, enquanto ouvia alguém lhe dizer: “Ainda não é o seu momento”.

No dia seguinte comunicaram-lhe o horário em que seria feita a cirurgia para a retirada do tumor. Ela prosseguiu o relato: “Eu estava ansiosa, mas feliz e confiante. Em nenhum momento passou algo negativo pela minha cabeça; estava certa de que alguém tinha intercedido por mim”. Antes de entrar no centro cirúrgico, Da. Thainara pôs-se nas mãos de Deus, rezando: “Senhor, Vós conheceis meu coração e minha vontade de viver, mas seja feita a vossa vontade. Dona Lucilia, entregue-lhe meu coração e minha vida”. O procedimento foi um sucesso e, apesar de preverem uma recuperação difícil e



Da. Thainara ao lado de um quadro de Dona Lucilia

Reprodução

Antes de entrar no centro cirúrgico, Da Thainara pôs-se nas mãos de Deus: “Estava certa de que alguém tinha intercedido por mim”

longa, os médicos garantiram que ela se restabeleceria inteiramente.

Na noite em que receberia alta hospitalar, ela teve outro sonho: “Sobre os meus ombros estava o xale lilás de Dona Lucilia, aquela cor que me trazia tanta calma e esperança. Eu dizia para mim mesma: ‘Tudo vai ficar bem, ainda não é o seu momento’. Acordei aos prantos, mas com o coração em paz, pois tive a convicção de que Dona Lucilia esteve comigo o tempo todo, cuidou de mim, protegeu-me sob seu

xale lilás e me salvou. Até hoje tenho sonhos com o seu xale lilás e a plena certeza de que sou sua filha e que ela é minha mãe, minha intercessora”.

A experiência tivera seus lados duros e até dramáticos, mas deixou-lhe, além da profunda convicção de ser amada por Dona Lucilia, valiosas lições para sua vida espiritual: “Muitas coisas ensinaram-me a mudar o meu pensamento e o meu dia a dia. Tudo o que aconteceu comigo não foi só uma enfermidade, mas o meu renascimento; sou grata pela minha vida hoje e pela intercessão de Dona Lucilia. Eu a louvo e agradeço todos os dias”.

Salvos de um apuro “num piscar de olhos”

De Miracema (RJ) escreve-nos o Sr. Lenilton Rabelo Rosa, grande devoto de Dona Lucilia, a quem ele sempre recorre nos momentos de dificuldade:

“Num dia do ano de 2022 saí para pescar, com a intenção de ir por perto, pois estava com pouca gasolina no tanque do carro e tinha apenas trinta reais no bolso. Chamei meu irmão e fomos para a cidade de Itaocara. Chegamos lá, mas a água estava turva para pescar. Resolvemos ir mais adiante. O tanque de gasolina estava na reserva e gastamos os trinta reais para abastecer. Rodamos mais noventa e cinco quilômetros de estrada de chão e chegamos a São Sebastião do Paraíba, mas lá também a água estava turva. Nós não pensamos no combustível e subimos mais trinta ou quarenta quilômetros até Fernando Lobo, um vilarejo beira-rio onde achamos água boa para pescar”.

Lenilton e seu irmão desceram com o veículo por um caminho sinuoso, coberto de grama. Pescaram tranquilamente até que, por volta das vinte e uma horas, uma forte chuva os obrigou a parar. Colocaram então os peixes no carro e... começaram os problemas, pois tinham de subir uma rampa com grama molhada, lama e muitos buracos.

Narra ele: “Acelerei a uma certa distância para pegar embalo e subir, mas o carro deslizava e parava. Tentei umas cinco ou seis vezes, sem resultado. Olhei para o marcador da gasolina e vi que o ponteiro estava logo acima da reserva. Lembrei-me de Dona Lucilia e gritei bem alto: ‘Senhora Dona Lucilia, ajudai-nos!’ Acelerei de novo e o carro subiu de uma só vez, como se tivesse tração nas quatro rodas. Virei-me então para o meu irmão e disse: ‘Você viu isso? Dona Lucilia nos tirou desta num piscar de olhos!’”

“Que dinheiro é esse?”

Entretanto, faltava-lhes ainda um percurso de cento e oitenta quilômetros de estrada barrenta até a cidade de Itaocara, e a gasolina era insuficiente. Pediram mais uma vez o auxílio de Dona Lucilia e partiram.

Prossegue a narração: “Seguimos conversando sobre os acontecimentos do dia e, quando nos demos conta, já estávamos em Itaocara”. Surpresa maior tiveram ao verificar que o ponteiro do marcador da gasolina nem se tinha movido.

Entretanto, o combustível não era suficiente para o que lhes faltava de caminho, razão pela qual decidiram vender alguns peixes na praça da cidade, a fim de abastecer o automóvel.

Continua o Sr. Lenilton: “Coloquei na cabeça o isopor com os peixes e pedi ao meu irmão que pegasse a chave do carro no meu bolso; quando ele colocou a mão no meu bolso, pegou junto com a chave uma nota de vinte reais. Perguntei: ‘Que dinheiro é esse?’ Não tínhamos tal valor e, como estávamos muito molhados, a nota se encontrava quase desmanchada”.

Sem compreender como aquela nota havia parado no seu bolso, o Sr. Lenilton a deixou no painel do carro, para secar, e partiu com seu irmão para Santo Antônio de Pádua, onde Dona Lucilia lhes preparou mais uma surpresa: ao pôr a mão no bolso, notou que ali havia mais uma nota de

vinte reais, dobrada e completamente seca!

Assim conclui ele seu relato: “Dei-me conta de que era para provar que foi Dona Lucilia quem me obteve essas graças. Ela me tirou do barro, fez a gasolina durar até Pádua e me deu quarenta reais... Três graças em um só dia”.

Um conselho que salvou seu casamento

Sim, um conselho que mudou o rumo de sua vida, e até o destino de sua família, foi o que recebeu R. B., de Minas Gerais, em meio a uma dramática situação familiar pela qual atravessava. A luz que se acendeu para iluminar seu caminho e o farol que conduziu sua família até o “fim do túnel” consistiu na devoção a Dona Lucilia. Eis como ela narra o meio utilizado pela Providência para fazê-la conhecer tão bondosa mãe:

“Era o dia 19 de março de 2024, e eu já não sabia mais o que fazer para meu esposo parar de beber. Ele bebia todos os dias, de segunda a segunda. Da cerveja passou ao whisky e misturava bebidas. Para evitar brigas e cobranças, passou a beber escondido, ocultando o copo de bebida quando eu chegava em casa, e até escondeu uma garrafa de whisky dentro do guarda-roupa... Era um verdadeiro tormento em casa.

“Neste dia, cheguei do trabalho e o encontrei mais uma vez muito bêbado, sem forças até para brigar... Saí com o meu filho mais velho em busca de um padre para me aconselhar. Eu já era consagrada a Nossa Senhora, mas estava disposta a me divorciar, porque não aguentava mais viver assim”.

Contudo, a Divina Providência conduziu R. B. por um caminho bem diverso. Uma vez que a igreja para a qual se dirigiu estava fechada, ela se lembrou da casa dos Arautos do Evangelho em sua cidade, e para lá rumou na esperança de obter algum auxílio espiritual. Sua confiança não foi defraudada,

pois ali recebeu de um padre arauto um conselho que mudaria sua vida:

“Durante nossa conversa, o sacerdote disse-me que eu precisava de uma intervenção divina, pois há coisas que nós, como seres humanos, não conseguimos resolver sozinhos. Separar-me não ia solucionar o problema, pois meu esposo continuaria bebendo e se afundando cada vez mais. Eu tinha de lutar por ele e por nossa família. Naquele momento, ele me entregou um santinho de Dona Lucília, contou-me brevemente sua história e me aconselhou a fazer-lhe uma promessa: rezar mil Ave-Marias pedindo a intercessão dela.

“Voltei para casa decidida a entrar nessa batalha, com as armas certas. Comecei a rezar todos os dias, com fé e confiança, pedindo a intercessão de Nossa Senhora e de Dona Lucília por meu marido, por nossa família. E, então, o que parecia impossível aconteceu: o dia 22 de março, apenas três dias após o início dessas orações, foi o último em que meu esposo bebeu!”

A intercessão de Dona Lucília ante o trono de Maria Santíssima fora prontamente ouvida: “Para honra e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, e pela intercessão poderosa de Nossa Senhora e Dona Lucília, meu marido nunca mais colocou uma gota de álcool na boca! Desde então ele segue sóbrio e se tornou um devoto de Nossa Senhora. Já usa o santo escapulário e está se preparando para a Crisma e para se consagrar a Ela”.

Após longa espera, uma casa vendida!

Problemas familiares em torno a heranças foram muito comuns desde



João S. Clá Dias

Dona Lucília em março de 1968, cerca de um mês antes de seu falecimento

“Voltei para casa decidida a entrar nessa batalha, com fé e confiança, pedindo a intercessão de Nossa Senhora e de Dona Lucília”

os primórdios da humanidade. Até as páginas dos Evangelhos (cf. Lc 12, 13) relatam um episódio no qual pedem a Nosso Senhor Jesus Cristo envolver-Se numa querela deste teor entre dois irmãos... Longe de favorecer a avareza de alguma das partes, o Divino Mestre recomendou aos ho-

mens de todos os tempos abandonarem com confiança suas necessidades ao Pai, que há de prover-nos em tudo.

Todavia, há ocasiões em que a intervenção celeste nos é concedida por meio de algum intercessor, que por nós pede o remédio para nossas aflições. Assim, após comprovar a eficácia da intercessão de Dona Lucília para salvar seu casamento, R. B. decidiu colocar nas mãos dela outro espinhoso assunto: a venda de um problemático imóvel herdado por seu esposo e irmãos.

A casa em questão era motivo de grande desgosto para seu marido, pois os irmãos que lá moravam com a mãe, antes e depois do falecimento desta, não haviam pagado devidamente os impostos ao longo de anos... Por ser o irmão mais velho o imóvel estava em

seu nome, e essa situação irregular fez com que ele ficasse desabonado perante o governo.

“Minha sogra falecera havia mais de sete anos e essa casa não era vendida. Ela estava com impostos atrasados, não tinha habite-se e os irmãos não entravam num consenso quanto ao seu valor”, narra R. B.

Contudo, após pedir a intercessão de Dona Lucília para sair daquela dificuldade, vencendo todas as previsões humanas a casa foi finalmente vendida em dezembro de 2024.

Agradecendo de modo tocante a proteção e o amparo recebidos de Dona Lucília, R. B. escreve: “Esse testemunho é uma forma de agradecer e glorificar a ação de Deus em nossa vida. A graça aconteceu e nossa família foi restaurada. Louvado seja Deus por tudo isso!” ✨

Nas mãos de Maria para sempre

Novas turmas do curso da Plataforma de Formação Católica Reconquista se consagraram, em novembro, como escravos de amor da Santíssima Virgem, segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort. Destacamos as cerimônias realizadas na Paróquia Maria Auxiliadora, na Cidade de México, e na Paróquia Maria Rainha, em Puebla, México; na Paróquia Santa Helena em Antigua

Cuscatlán, El Salvador; na catedral de Juigalpa, Nicarágua; na Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Tocancipá, Colômbia; na Paróquia São Roque em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia; na Paróquia São Domingos de Gusmão em Santiago do Chile; na Igreja da Mãe do Bom Conselho em Ypacaraí, Paraguai; na Paróquia Nossa Senhora do Carmo em Montevideu; e nas casas dos Arautos em Buenos Aires e em Lima.



Cidade do México



Chile



Colômbia



Colômbia



Argentina



Peru



El Salvador



Paraguai



Nicarágua



Puebla (México)



Uruguai



Bolívia



Sacramentos da iniciação cristã – Centenas de fiéis preparados pelos Arautos do Evangelho receberam em novembro os Sacramentos da iniciação cristã. Nas fotos, Batismo na Paróquia Divina Misericórdia em Santiago de Surco, Peru (foto 2); Primeira Comunhão na catedral de Cuiabá (foto 1) e na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima na cidade paulista de Cotia (foto 3); cerimônias de Crisma na Igreja de São Salvador em Lauro de Freitas (BA), presidida por Dom Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida, Bispo Auxiliar de Salvador (foto 4), na Paróquia Nossa Senhora da Divina Providência em Belo Horizonte, presidida por Dom Edmar José da Silva, Bispo Auxiliar Metropolitano (foto 5), e Paróquia Jesus Bom Pastor na Cidade Estrutural (DF), presidida por Dom Raymundo Damasceno Assis, Arcebispo Emérito de Aparecida (foto 6).



Juiz de Fora (MG) – O órgão de tubos da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi inaugurado em 6 de novembro, durante uma solene Eucaristia, seguida de um concerto (fotos 1 e 2). Já no dia 25, o 27º Batalhão da Polícia Militar comemorou seu trigésimo aniversário com uma Santa Missa na mesma igreja (foto 3). Ambas as cerimônias foram presididas por Dom Gil Antônio Moreira, Arcebispo Metropolitano.



Itália – No mês de novembro, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou a Basílica de Santo Antônio, em Messina, levando esperança e conforto inclusive aos lares dos fiéis (foto 1), bem como a Igreja de Santa Maria do Espírito Santo, na mesma cidade (foto 2). Por ocasião do dia de finados, membros dos Arautos auxiliaram no serviço litúrgico da Santa Missa presidida pelo Patriarca de Veneza, Dom Francesco Moraglia, na Igreja de San Michele in Isola (foto 3).



Paraguai – No dia 14 de novembro a Polícia Municipal de Trânsito de Asunción comemorou com uma Santa Missa, celebrada pelo Pe. Ismael Fuentealba, EP, seu sexagésimo aniversário de criação (foto 1). Em 22 de novembro os Arautos participaram da Eucaristia em honra ao padroeiro da Paróquia Cristo Rei, em Ciudad del Este, seguida de um concerto musical (foto 3), e no dia seguinte realizaram sua peregrinação anual ao Santuário de Nossa Senhora dos Milagres em Caacupé (foto 2).



Campo Grande – Uma abençoada “Tarde com Maria” foi realizada na casa dos Arautos, no dia 25 de outubro. As atividades constaram de uma palestra proferida pelo Pe. Ricardo José Basso, EP, seguida da solene coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria e da celebração da Santa Missa.



Fotos: João Guimarães

Franco da Rocha (SP) – Como parte das comemorações pelo 81º aniversário de Franco da Rocha, Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo de Bragança Paulista, celebrou uma solene Eucaristia no Parque Benedito Bueno de Moraes, animada pelo coro dos seminaristas da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli. Na ocasião a prefeita da cidade, Da. Lorena Oliveira, coroou a imagem de Nossa Senhora.



Emerson Júnior

Laércio Peixoto



João Carolino

Bruno Stevan

Holywins – A Solenidade de Todos os Santos se ornou de especial nota de inocência com a participação das crianças que se vestiram segundo as características próprias aos seus Santos preferidos. Destacamos as comemorações realizadas na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima em Cotia, São Paulo (foto 1), na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Juiz de Fora, Minas Gerais (foto 5), na Capela Santa Teresinha em Belo Horizonte (foto 3) e nas casas dos Arautos em Fortaleza (foto 2) e Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro (foto 4).

Conceição imaculada “versus” Imaculada Conceição

Esse título não é um jogo de palavras – até porque, se fosse, seria de mau gosto –, mas uma síntese de dois programas de vida antagônicos.



✦ Raphaël Six

“A credite em si mesmo”: a auto-confiança é, hoje, um dos valores mais vendidos – e a preço alto.

Ora, as leis da oferta e da procura nos levam a concluir que, se há venda, há interesse e, se há interesse, possivelmente há carência. Ninguém se ocupa do ar-condicionado de seu carro, a não ser quando ele para de funcionar. Portanto, essa pedra filosofal chamada segurança e paz interior talvez seja tão mais procurada quanto mais difícil se tem tornado encontrá-la. Será que ela desertou de nosso mundo?

* * *

Nas fotos que ilustram estas páginas temos, de um lado, Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista e intimíssimo colaborador de Hitler, até suicidar-se em 1945.

Sua paixão era escrever. Contudo, os fracassos padecidos nesse campo tornaram-no a pessoa ideal para se harmonizar com o *Führer*, homem que também sofrera reveses, pois na juventude quisera dedicar-se às artes plásticas, mas sem sucesso. Seus biógrafos notam que o encontro entre os dois foi o de um escritor frustrado com um pintor fracassado, ambos elegendo como segunda opção de carreira a dominação do mundo. O destino tem suas ironias, e o orgulho humano também...

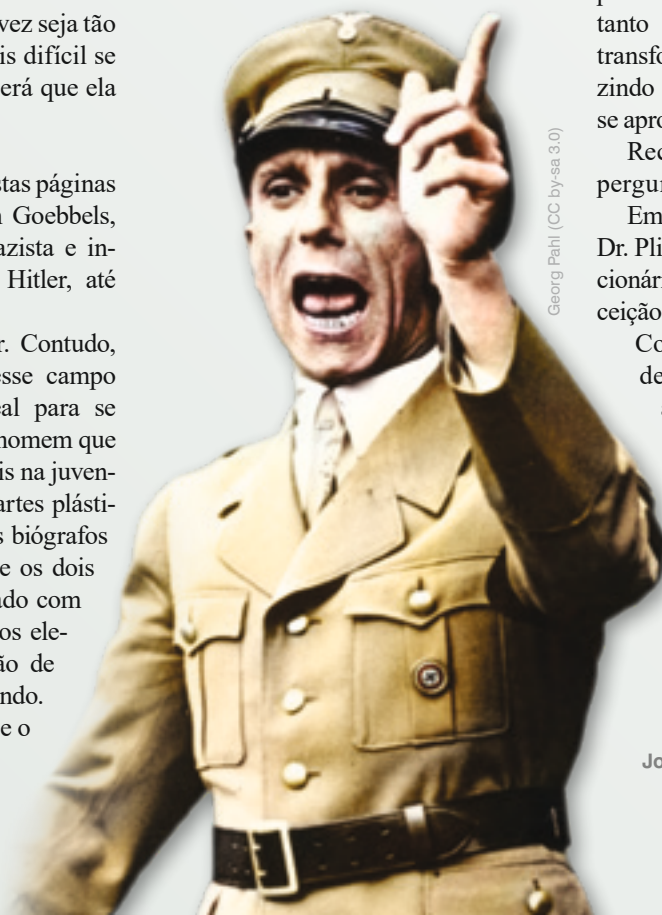
Goebbels tornou-se um nazista convicto. Casado com uma grande admiradora de Hitler e pai de seis filhos, tinha uma família que compunha, à primeira vista, o perfeito modelo ariano. Dominados por ele, cinema, rádio e imprensa expunham sua vida à admiração de todo o *Reich*: no trabalho, nas férias, em casa, ou sendo visitada pelo titio Adolf.

Todavia, por trás das aparências, o gigante da propaganda nazi não passava de um anão no reino dos pigmeus. E não se veja nisso somente uma referência à proverbial baixa estatura de Goebbels, que fazia até mesmo Hitler passar por um homem grande – não um grande homem, coisa bem mais difícil –, mas sobretudo a que a Alemanha, país brilhante, sob o nazismo cresceu tanto que implodiu: de supernova, transformou-se em buraco negro, reduzindo ao nada qualquer coisa que dela se aproximasse, inclusive a vida.

Recordando todo esse engodo, nos perguntamos: como isso se explica?

Em *Revolução e Contra-Revolução*, Dr. Plínio denuncia a máxima revolucionária por ele qualificada como “conceição imaculada do indivíduo”.¹

Como observou André Frossard,² depois que o pecado original foi abolido por decreto filosófico, a partir de Rousseau, se decidiu que o homem nasce bom. Não se deve desconfiar de si mesmo; pelo contrário, é preciso buscar no próprio interior o empuxe para superar-se. Ora, quando o homem procura em si aquilo



Georg Pahl (CC by-sa 3.0)

Joseph Goebbels

que lhe falta – situação contraditória – e não encontra, o que acontece? Goebbels.

Ator por interesse de Estado – ou, melhor dito, da também denunciada por Dr. Plínio “conceição imaculada das massas e do Estado”,³ a mesma que levaria a Alemanha ao suicídio acima apontado –, ele, entretanto, não conseguia esconder sua própria insegurança, traída pela rigidez de gestos, olhar vago, sorriso rasgado em lábios de contornos incertos. Tudo isso indica a frustração de um homem que aderiu ao “acredite em si mesmo”, proposição bem mais sedutora do que o axioma grego: “conhece-te a ti mesmo”.

Ora, “a humildade é caminhar na verdade”,⁴ diz Santa Teresa, e acrescenta: “a verdade é que somos miséria e nada”. Todo homem passa por momentos nos quais a máscara da “conceição imaculada do indivíduo” despenca, revelando a nu aquilo que ele realmente é. Nessas horas, há dois caminhos: ou tentar fixá-la novamente a todo custo, ainda que com um tiro na cabeça, como mais ou menos fez Goebbels; ou seguir o exemplo de São Maximiliano Maria Kolbe.

Este religioso franciscano também se dedicava aos meios de comunicação massiva. E foi capaz de estender seu raio de influência até mesmo ao Japão, onde, sem de início falar sequer uma palavra da língua nacional, chegou a fazer publicações que, juntas, ultrapassavam a tiragem de um milhão de exemplares – isso num país alheio à Fé Católica, para dizer o mínimo.

Ora, a fórmula de seu sucesso não se assentava sobre técnicas de *marketing*, mas sim sobre um princípio: “Não escrevais nada que não possa ser assinado pela Virgem Maria”.⁵ Homem de consciência delicada, vigilante contra suas más inclinações, sabia-se fraco. Por isso, alicerçava-se numa entranhadíssima devoção a Nossa Senhora, a quem invocava especialmente sob o título de Imaculada Conceição.



São Maximiliano Maria Kolbe

Kolbe também experimentou fracassos. Em várias ocasiões viram-no triste e ansioso, às vezes chorava face aos reveses. Entretanto, nada o impediu de superar os obstáculos, porque lutava à sombra da Imaculada. Ele via “a Virgem Maria em todo lugar e, consequentemente, dificuldades em lugar nenhum”.⁶ Basta contemplar seu olhar para convencer-se disso.

* * *

Ambos os personagens morreram por causa do nazismo e tiveram seus corpos incinerados, como para confirmar o versículo bíblico segundo o qual “há uma sorte idêntica ao justo e ao ímpio” (Ecl 9, 2). Na outra vida, porém, Kolbe foi recebido nos braços d'Aquela em quem depositara sua confiança. Já Goebbels não poderia salvar-se a si mesmo.

Portanto, “conceição imaculada *versus* Imaculada Conceição” não é um jogo de palavras vazio, mas uma síntese de dois programas de vida, profundamente antagônicos no ponto de partida, nos meios e, sobretudo, quanto ao respectivo destino eterno. ✚

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revolução*. 9.ed. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2024, p.130.

² Cf. FROSSARD, André. *Excusez-mois d'être Français*. Paris: Fayard, 1992, p.41.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, op. cit., p.131.

⁴ SANTA TERESA DE ÁVILA. *Moradas del castillo interior*. Moradas sextas, c.10, n.8.

⁵ FROSSARD, André. *N'oubliez pas l'amour. La passion de Maximilien Kolbe*. Paris: Robert Laffont, 1987, p.93.

⁶ Idem, p.52.



O prêmio da procura e da espera

Os Magos chegaram a Belém, depois de longas jornadas sob o sol causticante do Oriente Próximo, à procura do Rei mais glorioso de todos os tempos e O encontraram numa habitação pobre. Todavia, em nenhum momento, experimentam o menor movimento de decepção. Ao contrário, entram na casa com toda a solenidade e ado-

ram aquela frágil criança que, entretanto, deixava ver em suas feições e em seu olhar o resplendor da divindade. Nessa noite brilhou a gala mais sublime de toda a História, nunca superada pelas requintadas cortes cristãs que floresceriam depois.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP